



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

SOBRE FRESTAS E INSURGÊNCIAS BRASILIENSES:
UM ESTUDO CARTOGRÁFICO-SENTIMENTAL DO EIXÃO DO LAZER E O
ENFRENTAMENTO AO NEOLIBERALISMO

BRUNA FABRO NERI

Brasília - DF

Janeiro de 2025

Bruna Fabro Neri

SOBRE FRESTAS E INSURGÊNCIAS BRASILIENSES:
UM ESTUDO CARTOGRÁFICO-SENTIMENTAL DO EIXÃO DO LAZER E O
ENFRENTAMENTO AO NEOLIBERALISMO

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Organizacional da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Organizacional

Orientadora: Profa. Dra. Gabriela Freitas

Brasília - DF

Janeiro de 2025

Bruna Fabro Neri

SOBRE FRESTAS E INSURGÊNCIAS BRASILIENSES:
UM ESTUDO CARTOGRÁFICO-SENTIMENTAL DO EIXÃO DO LAZER E O
ENFRENTAMENTO AO NEOLIBERALISMO

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Organizacional da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Organizacional

Orientadora: Profa. Dra. Gabriela Freitas

Brasília, 13 de fevereiro de 2025

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Gabriela Freitas
Orientadora
FAC/UnB

Profa. Lorena Figueiredo
Examinadora
FAC/UnB

Profa. Dra. Fabíola Calazans
Examinadora
FAC/UnB

Prof. Dr. Guilherme Lobão de Queiroz
Suplente
FAC/UnB

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por todos os sacrifícios e pela dedicação que permitiram a mim e aos meus irmãos seguirmos nossos caminhos. À minha mãe, Carla, por me mostrar desde cedo que a educação e a arte são os meios mais poderosos para transformar o mundo. Ao meu pai, Rogério, por me ensinar que não há vida que se viva sozinha - pelo menos não uma que valha a pena.

À minha irmã, Beatriz, e meus irmãos, André e Victor, pela companhia e incentivo diários. Por serem minha fonte de inspiração e me darem mais motivos para desejar e lutar por um mundo melhor.

Aos meus familiares, por terem me permitido crescer rodeada de choro, samba, forró e tudo o que faz o - meu - mundo inteiro balançar. As linhas cartografadas neste trabalho começaram a ser desenhadas muito antes de eu ter consciência dos caminhos que estavam sendo abertos. Por isso, sou eternamente grata.

Aos meus amigos, em especial Carol, Elis, Luiza, Natália, Ana Clara e Igor, por estarem há tanto tempo ao meu lado e nunca me deixarem esquecer dos meus sonhos. Pelo amparo, respeito, compreensão e cuidado que permeiam nossas amizades. O que vocês me ensinam sobre amor e compromisso é o que me prova que a construção de outras realidades é possível e vale a pena.

Ao Lucas por escolher dividir comigo seus horizontes e me mostrar lugares que meus olhos sozinhos não enxergam. Não há generosidade maior que essa. Pelo amparo e incentivo, especialmente na reta final. Este trabalho não seria o mesmo sem os atravessamentos do nosso encontro.

Às amigas e aos amigos que cultivei durante a minha breve passagem pelo curso de Ciência Política. Inesperado gesto de gentileza do destino ter tido a oportunidade de construir minhas primeiras vivências e memórias na Universidade de Brasília ao lado de vocês, que me confirmaram toda a beleza de um mundo que eu já suspeitava existir. Carrego comigo traços profundos dos nossos encontros.

Às amigas e aos amigos que compartilharam comigo a trajetória na Faculdade de Comunicação. Pelas parcerias, trocas, desabafos e construções conjuntas, especialmente no período de isolamento devido à pandemia. Vocês tornaram os anos de graduação mais leves mesmo em meio a tanto desencanto.

A todas/os artistas, crianças, trabalhadoras/es e habitantes das cidades que se negam a parar e insistem, incessantemente, na vida. A coragem de sorrir e festejar cara a cara com a violência e o desamparo revela os traços mais fortes e bonitos do nosso povo.

À minha orientadora, Profa. Dra. Gabriela Freitas por me apresentar o papel transformador da Comunicação. Suas aulas e pesquisas abriram meus olhos e corpo para o mundo e redefiniram meu percurso acadêmico, profissional e pessoal. Aos membros da banca, Fabíola Calazans, Lorena Figueiredo e Guilherme Lobão, pelo cuidado com a leitura e análise.

À Faculdade de Comunicação, suas professoras/es e funcionárias/os, pela dedicação, compromisso e preocupação inesgotáveis com seus estudantes. À Universidade de Brasília por me proporcionar um ensino público, gratuito e de qualidade que transcende as salas de aula. Foi nesse território que descobri vários mundos e confirmei que os afetos e o coletivo são os verdadeiros motores da transformação do mundo.

*Minha mãe achava estudo
a coisa mais fina do mundo.*

Não é.

A coisa mais fina do mundo é o sentimento.

“Ensino”, Adélia Prado

RESUMO

Este trabalho investiga de que forma o Eixão do Lazer, em Brasília, se apresenta como um espaço heterotópico que desafia e ressignifica as dinâmicas urbanas da Capital Federal, confrontando os princípios globais do neoliberalismo. Com base no método cartográfico, inspirado por Gilles Deleuze, Félix Guattari e Suely Rolnik, e fundamentado nas contribuições teóricas de Christian Laval, Pierre Dardot, Muniz Sodré, Henri Lefebvre, Luiz Antonio Simas e Paola Berenstein Jacques, o estudo investiga como corpo e território se entrelaçam e são centrais no processo de produção de subjetividades e afetos. As ocupações urbanas atreladas às manifestações artísticas operam como meios de resgate da bússola ética do desejo, possibilitando a formação de conexões rizomáticas que escapam do roteiro neoliberal, inventando outros mundos e formas de existência. Por meio da interação pesquisadora-campo e da redução da distância entre teoria e prática, o trabalho explora as micropolíticas que emergem no Eixão aos domingos, transformando-o em um espaço insurgente. Conclui-se que o Eixão do Lazer é um território de disputa e criação que, impulsionado principalmente pela popularização do projeto Choro no Eixo, desafia a cartografia de isolamento característica de Brasília e abre caminho para uma restauração simbólica das experiências dos habitantes da cidade.

Palavras-chave: Cartografia; Neoliberalismo; Ocupação Urbana; Brasília; Eixão do Lazer; Insurgência

ABSTRACT

This study investigates how Eixão do Lazer, in Brasília, functions as a heterotopic space that challenges and redefines the urban dynamics of the Federal Capital, confronting the global principles of neoliberalism. Based on the cartographic method inspired by Gilles Deleuze, Félix Guattari, and Suely Rolnik, and grounded in the theoretical contributions of Christian Laval, Pierre Dardot, Muniz Sodré, Henri Lefebvre, Luiz Antonio Simas, and Paola Berenstein Jacques, the study examines how body and territory intertwine and play a central role in the production of subjectivities and affects. Urban occupations tied to artistic manifestations act as instruments for reclaiming the ethical compass of desire, enabling the formation of rhizomatic connections that escape neoliberal narratives, inventing alternative worlds and modes of existence. Through researcher-field interaction and the narrowing of the gap between theory and practice, the study explores the micropolitics that emerge in Eixão on Sundays, transforming it into an insurgent space. The findings suggest that Eixão do Lazer is a site of contestation and creation which, driven largely by the popularization of the Choro no Eixo project, challenges Brasília's characteristic cartography of isolation and paves the way for a symbolic restoration of the city's inhabitants' experiences.

Keywords: Cartography; Neoliberalism; Urban Occupation; Brasília; Eixão do Lazer; Insurgency

RESUMEN

Este estudio investiga cómo el Eixão do Lazer, en Brasilia, se configura como un espacio heterotópico que desafía y resignifica las dinámicas urbanas de la Capital Federal, confrontando los principios globales del neoliberalismo. Basado en el método cartográfico, inspirado por Gilles Deleuze, Félix Guattari y Suely Rolnik, y fundamentado en las contribuciones teóricas de Christian Laval, Pierre Dardot, Muniz Sodré, Henri Lefebvre, Luiz Antonio Simas y Paola Berenstein Jacques, el estudio examina cómo el cuerpo y el territorio se entrelazan y desempeñan un papel central en la producción de subjetividades y afectos. Las ocupaciones urbanas asociadas a las manifestaciones artísticas actúan como instrumentos para recuperar la brújula ética del deseo, permitiendo la formación de conexiones rizomáticas que escapan de las narrativas neoliberales, inventando nuevos mundos y modos de existencia. A través de la interacción entre la investigadora y el campo, y de la reducción de la distancia entre teoría y práctica, el trabajo explora las micropolíticas que emergen en el Eixão los domingos, transformándolo en un espacio insurgente. Se concluye que el Eixão do Lazer es un territorio de disputa y creación que, impulsado principalmente por la popularización del proyecto Choro no Eixo, desafía la cartografía de aislamiento característica de Brasilia y abre camino a una restauración simbólica de las experiencias de los habitantes de la ciudad.

Palabras clave: Cartografía; Neoliberalismo; Ocupación Urbana; Brasilia; Eixão do Lazer; Insurgencia

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vista aérea da cidade: Eixo Rodoviário; Estação Rodoviária; Teatro Nacional
Claudio Santoro

Figura 2 - Vista aérea do Eixo Rodoviário e da Estação Rodoviária

Figura 3 - Registro do Eixão do Lazer

Figura 4 - Registro do Eixão do Lazer

Figura 5 - Registro da primeira vez que “Eixão do Lazer” aparece no Correio Braziliense

Figura 6 - Registro do Eixão do Lazer

Figura 7 - Registro do Eixão do Lazer

Figura 8 - Registro do Eixão do Lazer

Figura 9 - Registro do Eixão do Lazer

Figura 10 - Registro do Eixão do Lazer

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

Departamento de Estradas de Rodagem do Distrito Federal (DER-DF)

Distrito Federal (DF)

Governo do Distrito Federal (GDF)

Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal (IPEDF)

Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF)

Região Administrativa (RA)

Secretaria de Estado de Proteção da Ordem Urbanística do Distrito Federal (DF Legal)

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO.....	13
1.1 Referencial teórico-metodológico e reflexões sobre a pesquisa acadêmica.....	13
II. A ASCENSÃO NEOLIBERAL E A CAFETINAGEM DA VIDA.....	19
III. CIDADE E INSURGÊNCIA.....	26
3.1 Uma cartografia de isolamento - o caso de Brasília.....	27
3.2 Corpo-território: outras formas de conceber o espaço.....	30
IV. O EIXÃO DO LAZER COMO FRESTA BRASILIENSE.....	37
4.1 Brasília como roda de choro.....	40
4.2 A quem incomoda o Eixão do Lazer?.....	44
4.3 Corpografias do Eixão do Lazer.....	45
V. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	49
Apêndice A - Termos de consentimento.....	52
Apêndice B - Entrevista semiestruturada 1.....	56
Apêndice C - Entrevista semiestruturada 2.....	57
Apêndice D - Entrevista semiestruturada 3.....	58
Apêndice E - Entrevista semiestruturada 4.....	59
Apêndice F - Entrevista semiestruturada 5.....	60
Apêndice G - Entrevista semiestruturada 6.....	61
Apêndice H - Entrevista semiestruturada 7.....	62
Apêndice I - Entrevista semiestruturada 8.....	63
Apêndice J - Entrevista em profundidade com Márcio Marinho.....	64

I. INTRODUÇÃO

Desde o século XIX, os indivíduos vêm enfrentando desafios para a sobrevivência em um mundo direcionado pelo princípio universal da concorrência que, devido às perversas articulações do sistema, acabam alcançando escalas nunca antes testemunhadas, penetrando no sistema de subjetivação dos sujeitos e manipulando seus desejos.

Este trabalho surge a partir da inquietação perante essa realidade. Estariam todos os lugares da cidade fadados à falência, considerando que foram apropriados pela racionalidade neoliberal e incorporados à maquinaria dedicada à sua manutenção? Partindo da noção de que ocupações urbanas apresentam força subversiva frente ao neoliberalismo, surgiu a vontade de compreender melhor de que forma esse fenômeno acontece tendo como cenário - que interage com seus habitantes - a cidade de Brasília.

Analisando a realização do evento Eixão do Lazer, que fecha uma das principais avenidas da capital aos domingos para que as pessoas pratiquem esportes e tenham acesso a manifestações culturais, e admitindo seu caráter transformador, foi realizado um mapeamento sentimental do Eixão do Lazer.

O texto é dividido em quatro partes principais: a primeira, esta introdução, visa apresentar as ideias fundamentais da pesquisa, além de trazer reflexões sobre a experiência acadêmica, que de diversas formas confirma suas raízes em ambições neoliberais; a segunda parte busca contextualizar os avanços neoliberais e como isso resultou em uma dominação da esfera do inconsciente; a terceira aborda as ocupações urbanas e a centralidade do corpo como meios de enfrentar o regime de subjetivação que rege o nosso tempo; o quarto capítulo traz as contextualizações e análises do campo pesquisado-vivido. Por fim, a conclusão.

1.1 Referencial teórico-metodológico e reflexões sobre a pesquisa acadêmica

A presente pesquisa foi realizada a partir da metodologia cartográfica, inicialmente apresentada por Deleuze em diálogo com o pensamento foucaultiano e, em seguida, desenvolvida em outros trabalhos como os de Suelly Rolnik (2006), que trabalhou o conceito de cartografia sentimental, e de Passos, Kastrup, Escóssia (2009). A metodologia aqui tratada diferencia-se da cartografia geográfica tradicional por propor a produção e análise de mapas de territórios não físicos, mas afetivos. A intenção é mapear as relações, processos de produção de subjetividade e dispositivos de poder na vida social.

Assim, a cartografia aqui apresentada não se refere a territórios, mas a campos de forças e relações; diz mais respeito a movimentos do que propriamente a posições fixas; desdobra-se no tempo, mas também no espaço, além de incorporar os métodos históricos de Foucault - o eixo metodológico saber-poder-subjetividade - à

medida que se apresenta como método de análise de dispositivos (Prado Filho, 2013, p.48).

A cartografia parte do entendimento do mundo como um sistema rizomático (Deleuze e Guattari, 1995). Tal compreensão admite que a realidade não se forma a partir de uma raiz, um único ponto fundante, mas é composta por rizomas. Diferente da lógica hierárquica, que enxerga o mundo de cima para baixo, o rizoma se espalha por todas as direções e sentidos e apresenta uma nova forma de enxergar o que se vê. Não há mundo que esteja pronto, tudo está em movimento constante, seguindo por uma infinidade de caminhos e possibilidades, e formando relações rizomáticas - múltiplas, heterogêneas e passíveis de serem rompidas e retomadas por um novo rumo.

O ponto é que não existe mundo independente das relações nele estabelecidas, não há o que exista por si só. Compreender isso leva ao compromisso com o desapego da verdade única. Para a pesquisa cartográfica, o importante é seguir os rizomas, entender as redes de afetos e as produções de verdades (múltiplas) em determinados espaços-tempo. Deleuze e Guattari explicam que

Opuesto a uma estrutura, que se define por um conjunto de pontos e posições, por correlações binárias entre estes pontos e relações biunívocas entre estas posições, o rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentaridade, de estratificação, como dimensões, mas também linha de fuga ou de desterritorialização como dimensão máxima segundo a qual, em seguindo-a, a multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza (1995, p.31).

O que interessa, então, para um estudo cartográfico é o “mergulho na geografia dos afetos” (Rolnik, 2006, p.66) - e ele só pode ser feito pela própria cartógrafa, o que significa que, necessariamente, há intervenção. O trabalho da cartógrafa consiste em acompanhar as linhas, entender os atravessamentos que compõem a rede analisada-vivida. A intervenção é parte do método, que se distancia de uma presunçosa noção de neutralidade. Ao invés de preestabelecer um caminho a ser percorrido para que se atinja um objetivo também preestabelecido, a pesquisa-intervenção caminha lado a lado com o que se analisa, integra o espaço e cria novas realidades a partir dele (Kastrup, 2009, p.30). Em uma pesquisa-intervenção, a cartógrafa inventa o caminho conforme se caminha - e faz as pazes com a abstração da conclusão. Para Rolnik,

Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago (2006, p. 23).

A desterritorialização e a reterritorialização (Deleuze e Guattari, 1995), movimentos de interesse da cartografia, possibilitam o rompimento de antigos padrões e abrem espaço

para a invenção de outros mundos, uma transformação simbólica do espaço. Na brecha que se cria a partir da desterritorialização, são desenvolvidos novos saberes, tecnologias e organizações. É uma oportunidade para a reinvenção, um momento para o novo. Neste trabalho, a brecha de que se fala é encarada como um espaço heterotópico - a partir da leitura lefebvriana (2006) do conceito trabalhado por Foucault (1967) - em que se podem estabelecer forças de diversas naturezas e direções distintas.

Enfim, o último traço das heterotopias é que elas têm, em relação ao espaço restante, uma função. Esta se desenvolve entre dois pólos extremos. Ou elas têm o papel de criar um espaço de ilusão que denuncia como mais ilusório ainda qualquer espaço real, todos os posicionamentos no interior dos quais a vida humana é compartimentalizada. Talvez esse seja o papel que desempenharam durante muito tempo esses famosos bordéis dos quais agora estamos privados. Ou, pelo contrário, criando um outro espaço, um outro espaço real, tão perfeito, tão meticuloso, tão bem-arrumado quanto o nosso é desorganizado, mal-disposto e confuso (Foucault, 2001, pp.420-421).

Ou seja, nos espaços heterotópicos existe potencial de movimentos e encontros revolucionários, que desorganizam e desafiam as normas e contratos vigentes, e propõem novas formas de existência. Para Luiz Antonio Simas (2021), esses espaços são entendidos como *frestas*, escapes da vida cotidiana, e são nelas que a vida se faz. São espaços-tempo de improvisação, logo, invenção. Ocasões em que o automático do cotidiano urbano é interrompido e as noções de certo e errado, bem e mal são subvertidas. Para o autor, esse fenômeno se dá nas festas, nas brincadeiras, na rua, no Carnaval.

O método cartográfico não mantém compromisso com os protocolos acadêmicos tradicionais. Tais exigências e etiquetas chegam, inclusive, a ser dispensáveis, já que o que se busca é a análise de um território afetivo a partir de vivências e recortes particulares de quem vive e pesquisa e isso não é possível de ser realizado com o distanciamento teoria-prática, sujeito-objeto. Este desapego não deve, entretanto, ser confundido com descompromisso com o conhecimento ou com a pesquisa. Trata-se apenas de outra forma de entender o que nos rodeia, uma proposta de visão de mundo alternativa, uma construção que tem como ponto de partida outro lugar, um convite a uma realidade que vai contra o desencantamento generalizado.

O desencantamento geral de que falo é o estado de submissão, medo e mal-estar que impregna todas as camadas de existência do indivíduo, o que Rolnik chama de inconsciente colonial-capitalístico (2019), e tem como cenário a organização capitalista, mais especificamente neoliberal, do mundo. A academia não está fora dessa dinâmica, foi construída a partir de ideais de objetividade, progresso e neutralidade que visavam mascarar a origem de seus interesses - financeiros e morais. Os arquitetos dessa articulação foram

bem-sucedidos ao esconder que a neutralidade e a verdade absoluta, tão almejadas e admiradas, têm raízes em objetivos bem estruturados. Barros e Kastrup, ao analisarem o trabalho de Isabelle Stengers, explicam:

[...] num ato irrecusavelmente político, a ciência acaba por dobrar o poder da invenção contra o arbitrário da invenção. Dito de outra forma, a ciência inventa um dispositivo capaz de, segundo seu ponto de vista, operar a triagem entre a invenção e o que “não passa de invenção”. A ciência moderna inventa práticas de produção do conhecimento capazes de fazer desaparecer sua origem inventiva sob o manto da descoberta científica. O dispositivo experimental, concebido para realizar a separação entre sujeito e objeto, surge como dispositivo político, operando a hierarquização das invenções, ou, antes, convertendo uma delas na única representação legítima do fenômeno em questão (2009, pp.54-55).

A questão principal é que o condicionamento do que e como se pensa, o projeto de uma educação conduzida pelo inconsciente colonial-capitalístico, não é detalhe, é parte-chave para o sucesso da estrutura de dominação. Dardot e Laval dizem que

Portanto, cada uma a sua maneira, psicanálise e sociologia registram uma mutação do discurso sobre o homem que pode ser reportado, como em Lacan, à ciência de um lado e ao capitalismo do outro: trata-se precisamente de um discurso científico que, a partir do século XVII, começa a enunciar o que o homem é e o que ele deve fazer; e é para fazer do homem esse animal produtivo e consumidor, esse ser de labor e necessidade, que um novo discurso científico se propôs redefinir a medida humana (2016, p.322).

Os padrões acadêmicos, que bebem das expansões coloniais e ambições financeiras, rejeitam, então, os saberes que surgem a partir de outras referências, outros lugares, outras forças. Nas metodologias acadêmicas tradicionais a cabeça, a mente é superior ao corpo, aos sentimentos, às subjetividades. Para Muniz Sodré (2019), corpo e território se correlacionam de maneira profunda e indissociável. O corpo é ponto de partida para a percepção do mundo, de si e do outro, ponto de partida para o conhecimento. Nesse sentido, os povos diaspóricos africanos que vieram ao Brasil viram seus conhecimentos originários serem rebaixados e sufocados.

Corpo-território: todo indivíduo percebe o mundo e suas coisas a partir de si mesmo, de um campo que lhe é próprio e que se resume, em última instância, a seu corpo. O corpo é lugar-zero do campo perceptivo, é um limite a partir do qual se define um outro, seja coisa ou pessoa. O corpo serve-nos de bússola, meio de orientação com referência aos outros. Quanto mais livre sente-se um corpo, maior o alcance desse poder de orientar-se por si mesmo, por seus próprios padrões. (Sodré, 2019, p.125)

Admitir que o corpo é marco-zero do campo perceptivo é desafiar a lógica e os métodos acadêmicos, é mexer nas bases institucionais. A concepção do corpo como elemento pecaminoso, algo que deve ser censurado, escondido, negado, limita o espaço de movimentação e deslegitima os saberes que dela dependem. Esse esvaziamento da vida no

âmbito acadêmico impõe à educação um caráter utilitarista, fazendo dela uma mera ferramenta para o alcance de metas e objetivos - tornando-a um produto.

Esta pesquisa surge a partir do desejo de preencher as brechas da academia, de participar de um movimento de resgate de conhecimentos que não costumam estar nesses espaços, e contribuir para a apresentação de outros pontos de partida e outros modos de ler e interpretar o mundo. Parti da premissa de que o Eixão do Lazer é uma das frestas de que fala Luiz Antonio Simas para que se construa a vida em Brasília. Busquei entender, então, de que forma isso se dá, quais são os atravessamentos, as conexões rizomáticas que compõem o evento dominical, de que forma as pessoas e a cidade afetam e são afetadas pelo fenômeno. Para isso, foi feita uma cartografia sentimental do Eixão do Lazer.

Primeiro, reuni produções teóricas que abordam os principais conceitos aqui trabalhados: sobre o neoliberalismo, foquei nos trabalhos de Dardot e Laval (2016) e Rolnik (2019); sobre a questão do espaço, debruicei-me, principalmente, nas elaborações de Sodré (2018), complementadas pelos trabalhos de Lefebvre (2001). Depois, parti para as especificidades do campo pesquisado-vivido. Nesta etapa, foram realizadas:

- a. pesquisa de campo no Eixão do Lazer;
- b. consulta a matérias jornalísticas sobre o evento;
- c. entrevistas com frequentadoras/es e organizadores.

Para a pesquisa de campo, fui ao Eixão do Lazer diversas vezes de julho de 2024 a janeiro de 2025. Vale dizer que desempenho aqui o papel de pesquisadora-participante. Como moradora do Plano Piloto, mais especificamente da Asa Norte, área de grande privilégio na capital modernista, já costumava frequentar o espaço, que fica apenas a cinco minutos de distância. É a partir daí que a pesquisa começa a se tecer, de um corpo que faz parte da festa dominical e da percepção de que uma das principais vias de Brasília, que atravessa o Plano Piloto de fora a fora, se transforma completamente aos domingos. Os carros em alta velocidade dão espaço aos pedestres, aos atletas, aos errantes. Durante o período da pesquisa, o Eixão foi percorrido por inteiro e foram realizados registros fotográficos que pareceram relevantes para maior compreensão do espaço.

As matérias jornalísticas foram escolhidas a partir de duas consultas diferentes. A primeira foi à Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, em que foi buscado por “*Eixão do Lazer*” nos periódicos do Correio Braziliense para identificar quando o termo foi publicado pela primeira vez. A segunda consistiu em seleções de matérias que relataram a intervenção do GDF, executada em 1º de setembro de 2024 visando a desmobilização do Eixão do Lazer, e suas repercussões. Os portais escolhidos foram o Correio Braziliense e o G1.

Nas idas à campo, realizei entrevistas semiestruturadas com frequentadoras e frequentadores do evento. Ao total, oito pessoas foram entrevistadas, sem pretensão de representar quantitativamente características do Eixão, mas de encontrar diferentes afetos resultados da interação com aquele espaço. Conversei também, em formato de entrevista em profundidade, com Márcio Marinho, organizador e membro do Choro no Eixo, principal atração do Eixão do Lazer. Com ele, a entrevista foi feita de forma remota via plataforma Zoom¹.

O objetivo deste texto é mapear de que forma o Eixão do Lazer protagoniza a criação de elos e afetos e como isso impacta nas micropolíticas que constituem a realidade de Brasília e seus habitantes. Será mostrado que arte e ocupação urbana, quando juntas, criam espaços heterotópicos, insurgentes, revolucionários e derrubam o véu da ilusão neoliberal que se coloca de maneira falaciosa como única via possível - ou melhor via possível. A festa e a rua desafiam as certezas do asfalto e do concreto e botam o mundo todo pra dançar, mesmo que sem coreografia.

¹ As transcrições de todas as entrevistas podem ser encontradas no apêndice deste trabalho.

II. A ASCENSÃO NEOLIBERAL E A CAFETINAGEM DA VIDA

Para compreendermos o caráter subversivo das ocupações urbanas e como o espaço é determinante na construção de subjetividades, é importante, primeiro, contextualizar de que forma o neoliberalismo alcançou escala global no direcionamento das percepções de mundo, transcendendo o campo econômico e alcançando todas as esferas da vida.

Entre o final do século XIX e início do século XX o mundo enfrentou profundas transformações sociais, políticas e econômicas que abalaram as estruturas vigentes à época. O acelerado processo de industrialização e urbanização - fenômeno sem precedentes, fruto da Revolução Industrial, que aconteceu sob pretexto de certo desenvolvimento civilizatório e econômico - e o consequente acentuamento das desigualdades e violências contra a população acendeu um sentimento geral de descontentamento. O pensamento socialista passou a tomar força na Europa.

Aliada a isso, uma insatisfação com a infidelidade ao princípio da livre concorrência pairava entre os liberais clássicos. Além do avanço de políticas intervencionistas, havia desonesta interferência nos preços devido aos interesses privados dos oligopólios e monopólios, que dominavam o desenvolvimento de técnicas e o cenário como um todo. Segundo Dardot e Laval,

Parte da opinião pública começava a ver os homens de negócios como escroques de alto gabarito, não como heróis do progresso. A democracia política parecia definitivamente comprometida pelos fenômenos maciços da corrupção em todos os escalões da vida política. Os políticos faziam sobretudo o papel de marionetes nas mãos dos que detinham o poder do dinheiro. A ‘mão visível’ dos empresários, dos financistas e dos políticos ligados a eles enfraqueceu formidavelmente a crença na ‘mão invisível’ do mercado (2016 p.40).

A forma liberal do final do século XIX já não conseguia mais acompanhar o capitalismo tal qual ele vinha se desenvolvendo e o período entreguerras trouxe à tona a necessidade de uma profunda transformação estrutural. “Todo um conjunto de tendências e realidades novas exigiram uma revisão a fundo da representação da economia e da política” (Dardot e Laval, 2016, p.37).

Foi neste contexto que os defensores da lógica do capital perceberam que, para que o fracasso completo do capitalismo fosse impedido, era indispensável um movimento de reestruturação da teoria, prioritariamente embasada na imposição inquestionável do *laissez-faire*. A partir daí, percebe-se que o neoliberalismo não foi um movimento espontâneo, mas uma construção teórico-prática com estratégias e ideais bem estruturados.

O primeiro esforço para a refundação teórica do liberalismo aconteceu no Colóquio de Walter Lippmann, em 1938, em Paris. Ali que foi admitida a importância de um trabalho

intelectual para a formulação da doutrina neoliberal visando garantir seu sucesso e perpetuação. Foi também no Colóquio, entretanto, que ficou escancarado, caso ainda não estivesse, que a unidade liberal não passava de uma ficção, e as diferenças entre os pensamentos eram suficientes para causar fissuras no sistema e enfraquecê-lo. Havia trabalho a ser feito.

As duas principais correntes neoliberais, a austro-americana - com Friedrich A. Hayek, Ludwig von Mises e Lionel Robbins como principais representantes-, com um viés mais conservador, e a ordoliberal alemã - com nomes como Wilhelm Röpke, Walter Eucken e Franz Böhm -, que admitia uma revisão intervencionista do sistema, acreditavam em razões distintas para a decaída do liberalismo, logo, em soluções divergentes.

A primeira entendia que a deslealdade à doutrina do *laissez-faire* - visível na força que tomara a linha keynesiana no período, por exemplo - era o principal fator para a crise. A atitude óbvia a se tomar seria o resgate e o reforço de tal doutrina. Para o segundo grupo, a razão do colapso estava justamente no próprio princípio do *laissez-faire*, que tomava o mercado como autorregulador espontâneo e não admitia intervenção estatal.

Não demorou, entretanto, para que os grupos percebessem que, para atingirem seu principal objetivo, seria necessário superar as divergências. Este entendimento resultou na “teorização de um intervencionismo propriamente liberal” (Dardot e Laval, 2016, p.73), característica-chave do neoliberalismo. Isso significa que as correntes encontraram jeitos de se complementarem, investindo em discursos públicos a favor do livre mercado e, no campo político, em intervenções estatais que visavam garantir e expandir tal mercado.

O liberalismo clássico existia sob premissa de uma fobia completa à intervenção estatal e não considerava o arcabouço jurídico como parte integrante da dinâmica econômico-social, o que resultou na decadência do início do século XX. “Essa independência da economia com relação às instituições sociais e políticas é o erro básico da mística liberal que leva ao não reconhecimento do caráter construído do funcionamento do mercado” (Dardot e Laval; 2016, p.81). Nesse sentido, um forte movimento contra o naturalismo liberal e o jusnaturalismo se formou. A importante mudança está aí: o que interessa não é mais se distanciar ao máximo da intervenção estatal, mas aproximar-se o quanto for possível ao mesmo tempo que se redefine a natureza de dita intervenção. A ideia era passar a usar o Estado e o Direito como instrumentos para a estruturação de um mundo norteado pela bússola mercadológica.

Esta bússola é a referência central em que se baseia o planejamento estratégico neoliberal. Atrelado a ela, o princípio da concorrência passa a tomar a dianteira nas dinâmicas

sociais e econômicas. Ao buscar uma definição, Dardot e Laval dizem que “O neoliberalismo pode ser definido como um conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência” (2016, p.17). A lógica da concorrência substitui a da troca, ultrapassa os limites econômicos e passa a guiar o comportamento não apenas das empresas, mas de todas as instituições e indivíduos, de todo o mundo.

Não se trata mais de uma lógica de promoção geral, mas de um processo de eliminação seletiva. Esse modelo não faz mais da troca um meio de se fortalecer, de melhorar; ele faz dela uma prova constante de confronto e sobrevivência. A concorrência não é considerada, então, como na economia ortodoxa, clássica ou neoclássica, uma condição para o bom funcionamento das trocas no mercado; ela é a lei implacável da vida e o mecanismo do progresso por eliminação dos mais fracos (Dardot e Laval, 2016, p.53).

A ideia do neoliberalismo é que exista um ambiente político, jurídico e social que favoreça o mercado, com garantia de que o princípio da concorrência está sendo respeitado. Para isso, foram mobilizadas alianças políticas - como os casos de Margaret Thatcher e Ronald Reagan -, com instituições econômicas mundiais - como o Fundo Monetário Internacional (FMI) - e foi feito grande investimento no âmbito da educação e redes intelectuais - como é o caso do *Institut Universitaire des Hautes Études Internationales* (Instituto Universitário de Altos Estudos Internacionais) e de *think tanks* espalhados pelo mundo. (Dardot e Laval, 2016, pp.72;184;189;194). Assim, foram disseminados e fixados nos fundamentos das sociedades os ideais neoliberais.

Para que o mundo funcione da melhor forma possível, é indispensável que o Estado esteja vigilante e aja para garantir a primazia da concorrência em todos os âmbitos - inclusive nele próprio. O Estado passa a se autoaplicar o princípio da concorrência, passa a ser Estado-empresa. Suas ações param de ser voltadas aos interesses da vida em sociedade e passam a focar em boas práticas de governança. Métodos de eficiência e otimização integram a esfera governamental, como se a régua de qualidade do serviço público devesse ser baseada na produtividade (Dardot e Laval, 2016, pp.273-274;276).

Os sujeitos da sociedade não encontraram escape ao sadismo neoliberal. Incorporaram, de forma comprometida, o princípio da concorrência, viram-se não apenas “vestindo a camisa da empresa”, mas tornando-se empresas de si mesmos. As pessoas estavam agora completamente submissas tanto às leis do Estado quanto às normas morais que obedeciam às intenções neoliberais. As noções de certo e errado, de desejo, de propósito passaram a ser balizadas pela lógica do mercado. Tal incorporação por parte dos sujeitos, vale destacar, como em nenhum pilar que viabilizou o sucesso neoliberal, não se deu de forma

espontânea. Na verdade, é precisamente a manipulação do desejo pelos dispositivos de poder que a torna viável.

O sujeito unitário é o sujeito do envolvimento total de si mesmo. A vontade de realização pessoal, o projeto que se quer levar a cabo, a motivação que anima o “colaborador” da empresa, enfim, o *desejo* com todos os nomes que se queira dar a ele é o alvo do novo poder. O ser desejante não é apenas o ponto de aplicação desse poder; ele é o substituto dos dispositivos de direção das condutas. Porque o efeito procurado pelas novas práticas de fabricação e gestão do novo sujeito é fazer com que o indivíduo trabalhe para a empresa como se trabalhasse para si mesmo e, assim, eliminar qualquer sentimento de alienação e até mesmo qualquer distância entre o indivíduo e a empresa que o emprega. Ele deve trabalhar para sua própria eficácia, para a intensificação de seu esforço, como se essa conduta viesse dele próprio, como se esta lhe fosse comandada de dentro por uma ordem imperiosa de seu próprio desejo, à qual ele não pode resistir (Dardot e Laval, 2016, p.327).

A disciplina e a coerção perdem seu caráter impositivo, esse tipo de conflito não mais interessa - atrapalha a implementação do sistema, gera reações. O que se busca é envolver o indivíduo por completo nos princípios neoliberais, enraizá-los de tal forma que sequer é possível perceber que eles não estavam ali desde o começo, que são frutos de uma intervenção enviesada. Não é possível seguir por outros caminhos porque não se sabe que há outros caminhos. “Um” mundo passa a ser concebido como “O” mundo.

Suely Rolnik (2019) explica que o regime neoliberal passa a ter domínio sobre as formas de concepção de mundo, o que extrapola o âmbito macropolítico e passa a agir na esfera micropolítica. Ela diz que é justamente por isso, por apenas enxergar como necessários movimentos macropolíticos, que a esquerda ainda não conseguiu apresentar resistência real perante a ordem vigente.

Em outras palavras, em sua nova versão é a própria criação individual e coletiva de novas formas de existência, suas funções, seus códigos e suas representações que o capital explora, fazendo dela seu motor. Disso decorre que a fonte da qual o regime extrai sua força não é mais apenas econômica, mas também intrínseca e indissociavelmente cultural e subjetiva - para não dizer ontológica -, o que lhe confere um poder perverso mais amplo, mais sutil e mais difícil de combater. Diante desse quadro, fica evidente que não basta agir na esfera macropolítica, onde atuam tradicionalmente as esquerdas, sobretudo as institucionais - isso explicaria inclusive sua impotência face aos rumos atuais do regime colonial-capitalístico (p. 33).

Rolnik chama esse sequestro da pulsão vital de *cafetinagem da vida* (2019, pp.32-33). Para a autora, as artimanhas do regime neoliberal bebem de uma política de subjetivação e do inconsciente que minam a pulsão vital dos sujeitos. É como se, a partir das tentativas de avanço neoliberais, as subjetividades fossem puxadas para duas direções diferentes: um movimento insiste na manutenção da vida como ela está, a repetição; o outro, “a pressiona (*a subjetividade*) na direção da conservação da vida em sua potência de germinação, a qual só se completa quando tais embriões tomam consistência em outras formas da subjetividade e do mundo, colocando em risco suas formas vigentes” (Rolnik, 2019, p.56). Surge uma disputa

no campo da subjetividade, disputa essa que aciona o desejo, que é então direcionado por uma vasta gama de micropolíticas, que podem ser ativas ou reativas.

Rolnik explica que a micropolítica ativa vem de uma subjetividade que sustenta a existência tanto em experiências do sujeito quanto fora-do-sujeito. Isso quer dizer que ela aposta em caminhos antes não trilhados, desafia o destino instituído, admite que é impossível resgatar o equilíbrio a partir da repetição daquilo que a abalou (2019, pp.60-61). É capaz de sustentar o desconforto do desconhecido, coloca-se aberta às várias forças do mundo. É essencialmente criadora, guiada por uma bússola ética.

[...] sua agulha aponta para as demandas da vida em sua insistência em persistir, mantendo-se fecunda, a cada vez que se vê impedida de fluir na cartografia do presente. Tal bússola orienta as ações do desejo no sentido da criação de uma diferença: uma resposta que seja capaz de produzir efetivamente um novo equilíbrio para a pulsão vital, o que depende de seu poder de atualizá-lo em novas formas. Esta é a natureza do que se pode chamar de um “acontecimento”, o qual é produzido por este tipo de política do desejo: um devir da subjetividade e, indissociavelmente, do tecido relacional no qual gerou-se sua turbulência e seu ímpeto de agir (Rolnik, 2019, p.64).

A micropolítica reativa não admite uma experiência fora-do-sujeito, acaba por reduzi-la ao sujeito. Esta redução ao racional bloqueia a sensibilidade para os afetos, para as demais forças do mundo, forças que desafiam as estruturas daquilo que já existe, aquelas guiadas pela bússola ética. Esta política interrompe a capacidade de invenção, improvisação, surgimento do novo, porque o sujeito se entende enraizado naquelas estruturas. Mudar a direção, apostar no desconhecido, significaria a desestabilização do mundo, logo, do próprio sujeito. Seria sua morte. Para evitar que isso aconteça, a micropolítica reativa agarra-se com unhas e dentes à manutenção do que já se conhece, é incapaz de criar porque não consegue sequer imaginar um outro mundo possível. É fixa, rígida - diferente da micropolítica ativa, que se faz no movimento -, não sustenta o desconforto do inesperado, desespera-se frente ao estranho (Rolnik, 2019, pp.65-67). É baseada no medo, na angústia, e é guiada por uma bússola moral. Esta é a bússola usada como estratégia para a perpetuação da racionalidade neoliberal que, com isso, se torna uma máquina autossustentável ao longo do tempo.

A agulha moral conduz o desejo na direção do rastreamento de modos de existir e representações - ambos resultantes de cortes anteriores - para encontrar um ponto onde apoiar seu corte, de maneira que a subjetividade possa rapidamente refazer para si um contorno reconhecível e livrar-se temporariamente de sua angústia (Rolnik, 2019, p.70).

A fim de alcançar o equilíbrio da existência, que só pode ser encontrado longe do que se entende como estranho, o sujeito neoliberal se apegua às formas de manutenção da vida como ela está. Entra de cabeça na lógica da “empresa de si mesmo”, toma responsabilidade total pelo seu destino, agarra-se à ilusão de um domínio completo da vida, entra nessa corrida

para tornar-se sua melhor versão: mais ambiciosa, eficaz, otimizada, competitiva (Dardot e Laval, 2016, p.333).

Especialista em si mesmo, empregador de si mesmo, inventor de si mesmo, empreendedor de si mesmo: a racionalidade neoliberal impele o eu a agir sobre si mesmo para fortalecer-se e, assim, sobreviver na competição. Todas as suas atividades devem assemelhar-se a uma produção, a um investimento, a um cálculo de custos. A economia torna-se uma disciplina pessoal (Dardot e Laval, 2016, pp.330-331).

As consequências das micropolíticas reativas do inconsciente colonial-capitalístico são diversas. Medo, ansiedade, vergonha, ódio surgem sem saber de ou para onde. Geram traumas profundos. Isso faz com que o sujeito busque um culpado para, então, encontrar uma solução. A questão é que dita culpa não é colocada sobre a racionalidade neoliberal, mas é direcionada ou ao próprio sujeito ou a um outro qualquer. Os resultados são patologias psíquicas, paranóias e depressões, que culminam no expoente avanço da indústria farmacêutica e de massas fascistas (Rolnik, 2019, pp.71-77; 86-88).

Por outro lado, o processo de autoaperfeiçoamento ao qual o sujeito se vê submetido é eterno. Palestras de *coach*, livros de autoajuda, aplicativos de produtividade, cursos e mais cursos surgem como meios de viabilizar o que se entende como desenvolvimento pessoal e de provar o valor do sujeito neoliberal. Tudo o que o atravessa, seja em ambiente profissional ou não, passa a ser um projeto a ser desenvolvido da melhor forma possível.

O trabalho, a saúde mental e física, o bem-estar, a felicidade, tudo deve ser balizado pela eficiência e otimização. Os limites são constantemente forçados à exaustão, pode-se sempre mais, e qualquer mal-estar no meio do caminho deve ser neutralizado, silenciado, ele não faz parte do plano. É criado um ideal de “super-ser-humano”, capaz de não se abalar com as dificuldades do caminho, deve ser constantemente feliz e satisfeito - e se não o está, não há ninguém a quem culpar além dele próprio ou de algum outro que tomou seu lugar. O que se busca, no fim, é a imortalidade, o pico da qualidade de vida - e o desenvolvimento tecnológico dos últimos anos e a ascensão das mídias de massa aceleraram o processo de disseminação desses ideais. Para Joel Birman, (2010),

O imperativo da qualidade de vida, em contrapartida, procura colocar em foco as práticas que deveriam ser realizadas pelo indivíduo para manter a autoestima do eu e a sua autonomia. Com efeito, das boas condições de saúde à boa alimentação, passando pelo culto regular das atividades corporais, dos esportes e do lazer, é sempre a qualidade de vida do indivíduo que é colocada em evidência, de maneira recorrente, de forma a promover a satisfação plena deste (p.39).

Caso o sujeito não se enquadre nos padrões de saúde e felicidade impostos pelo regime colonial-capitalístico ele é excluído, o mundo não é para ele. Fato é que o regime neoliberal

cria buracos existenciais e oferece o que diz ser soluções para a falta, enquanto, na verdade, está apenas criando necessidades e colocando a máquina mercadológica para girar.

É instituído um conflito global, a concorrência rompe com a noção de uma realidade rizomática, interfere nas relações e afetos, cria indivíduos separados uns dos outros, perde-se a percepção de pertencimento. Solidariedade não tem espaço nesse regime já que todos são adversários e o sucesso do outro implica no seu próprio rebaixamento. O “olhar solidário” só é legítimo se partindo de atos de caridade desprovidos de reflexão crítica com raízes em uma moral cristã e narcísica, que acredita em esmolas mas não em justiça social.

A verdadeira questão, então, é entender de que forma podemos resgatar a vida de sua cafetinagem, como podemos nos organizar para reordenar as políticas do desejo em direção à persistência da vida, à sua função ética. Como nos deixar ser conduzidas por micropolíticas ativas que buscam o novo, como nos abrir para sermos afetadas pelo mundo e vice-versa? Segundo Rolnik,

Regido por essa micropolítica, o desejo cumpre sua função ética de agente ativo da criação de mundos, próprio de uma subjetividade que busca colocar-se à altura do que lhe acontece. E se ampliamos o horizonte de nosso olhar para abranger a superfície do mundo tal como ela se configura a atualidade, constataremos que estamos diante da micropolítica de uma vida, individual ou coletiva, que logra reapropriar-se de sua potência e, com ela, driblar o poder do inconsciente colonial-capitalístico que a expropria. Em suma, uma vida que logra orientar-se por uma ética pulsional. Vida nobre, prolifera vida, vida singular, uma vida (2019, p.65).

Um dos pontos mais importantes a serem analisados neste trabalho é perceber que, por mais que o neoliberalismo tenha alcançado o nível global de interferência no mundo material e nos processos de subjetivação dos sujeitos, ele não conseguiu dominar completamente todas as esferas da vida. Existem brechas, fenômenos que não fazem parte da dinâmica neoliberal, onde a pulsão vital tem lugar e as noções de mundo construídas desde o século XIX são viradas de cabeça para baixo. Veremos adiante que a relação sujeito-espaco, corpo-território são centrais para a invenção de uma outra lógica de existência.

III. CIDADE E INSURGÊNCIA

Pensar o território como determinante para a construção de subjetividades, de conexões rizomáticas, de entendimento do mundo, é o ponto inicial para que se compreenda ocupações urbanas como práticas insurgentes e seja possível começar a construir, de fato, outras realidades, outras possibilidades de existência, enfim, outros espaços. Segundo Muniz Sodré (2019),

Não é incomum que o real humano - cambiante, móvel, inatingível em termos absolutos - contorne as elaboradas construções da realidade sócio-histórica em torno do sentido. E um dos aspectos desse real, freqüentemente esquecido nas abordagens científicas do social, é o espaço em seu relacionamento com o indivíduo, aquilo que um antropólogo (E.T Hall) chamou de “dimensão oculta” da cultura (p.12).

Espaço e cultura estão intrinsecamente ligados. A maneira como indivíduo e grupo se organizam e se entendem tem como base o território ocupado. Isso significa que construções simbólicas e organizações sociais também estremecem diante da dinâmica histórica do isolamento, parte estruturante do capitalismo.

Com a Primeira Revolução Industrial iniciou-se um acelerado processo de urbanização. O modo de vida camponês foi substituído pela vida urbana, marcada desde o princípio por longuíssimas jornadas de trabalho e falta de acesso a direitos básicos. Construíram-se ruas para automóveis, porque a correria do dia a dia já não mais podia suportar a lentidão dos passos. Uma urgência passou a pairar sobre o mundo. O fenômeno foi global, as cidades passaram a ser cenário principal da vida e as estradas passaram a delimitar os destinos de quem ali estava. Segundo Raquel Rolnik (2004),

O espaço urbano deixou assim de se restringir a um conjunto denso e definido de edificações para significar, de maneira mais ampla, a predominância da cidade sobre o campo. Periferias, subúrbios, distritos industriais, estradas e vias expressas recobrem e absorvem zonas agrícolas num movimento incessante de urbanização. No limite, este movimento tende a devorar todo o espaço, transformando em urbana a sociedade como um todo (p.12).

Entende-se então que a racionalidade neoliberal caminha lado a lado com o processo de urbanização e a usa como uma de suas ferramentas a fim de criar terreno fértil para a sua proliferação. Para Henri Lefebvre (2001), as dinâmicas de acumulação e mercantilização reduzem o território ao seu caráter utilitarista e são a origem das exclusões sociais que testemunhamos ainda hoje. As cidades construídas sob direcionamento da bússola neoliberal são incapazes de suprir necessidades intrínsecas aos seres humanos, necessidades que não dizem respeito ao mercado ou respeitam o princípio da concorrência, mas pertencem à ordem da criação, da inventividade, da simbiose com o espaço habitado-vivido.

Trata-se da necessidade de uma atividade criadora, de obra (e não apenas de produtos e bens materiais consumíveis), necessidades de informação, de

simbolismo, de imaginário, de atividades lúdicas. Através dessas necessidades especificadas vive e sobrevive o desejo fundamental, do qual o jogo, a sexualidade, os atos corporais tais como o esporte, a atividade criadora, a arte e o conhecimento são manifestações particulares e *momentos*, que superam mais ou menos a divisão parcelar dos trabalhos (Lefebvre, 2001, p.105).

A partir daí, é iniciada uma discussão sobre o que Lefebvre entende como direito à cidade. Aqui, o direito à cidade não deve ser resumido ao trânsito de um espaço a outro, ao acesso material à cidade (por mais que seja também essencial). Se restritas a isso, as elaborações são incapazes de alcançar justamente a dimensão simbólica construída por indivíduos e grupos naquele território. Direito à cidade deve ser entendido como o direito de participar ativamente da construção coletiva daquele espaço também coletivo. “Só pode ser formulado como *direito à vida urbana*, transformada, renovada” (Lefebvre, 2001, pp.116-118).

A cidade contemporânea é, desde início, um espaço de disputa material e simbólica. Logo, direito à cidade refere-se ao direito de os indivíduos de uma sociedade de participarem da cartografia daquele espaço, criar atravessamentos, afetar e serem afetados pelo território. Direito de acessarem, sim, a cidade, mas não apenas em transportes públicos ou individuais, não só para conseguir chegar no trabalho, ou para cumprir alguma demanda. Direito à cidade, aqui, é direito à vida.

As discussões sobre o tema tornam-se cada vez mais relevantes com o alcance exponencial que a racionalidade neoliberal vem conquistando, devido ao avanço das tecnologias e dos meios de comunicação. Como consequência, o processo de domesticação dos corpos tem se tornado cada vez mais complexo e sorrateiro.

3.1 Uma cartografia de isolamento - o caso de Brasília

A construção de Brasília surge como um bom exemplo para ilustrar de forma clara as demandas neoliberais sobre a cidade. Inaugurada em 21 de abril de 1960, por iniciativa de Juscelino Kubitschek, a nova Capital Federal foi a oportunidade perfeita para o domínio do sistema sobre um novo território. Planejada, moderna, monumental, construída para os automóveis em alta velocidade, Brasília nasce da contradição entre o bem-estar das cidadãs e cidadãos e a lógica do progresso. É uma cidade marcada pelas longas distâncias, muitas vezes incapazes de serem encaradas a pé (não raro vemos pessoas de outras cidades comentando que em Brasília não se vê gente na rua). Uma das características de Brasília capaz de exemplificar seu caráter modernista é o fato de seu centro, seu marco-zero, ser ocupado pela

rodoviária da cidade, no lugar de uma igreja, por exemplo, como é o caso de cidades mais tradicionais (Meschick, 2022, p.58).

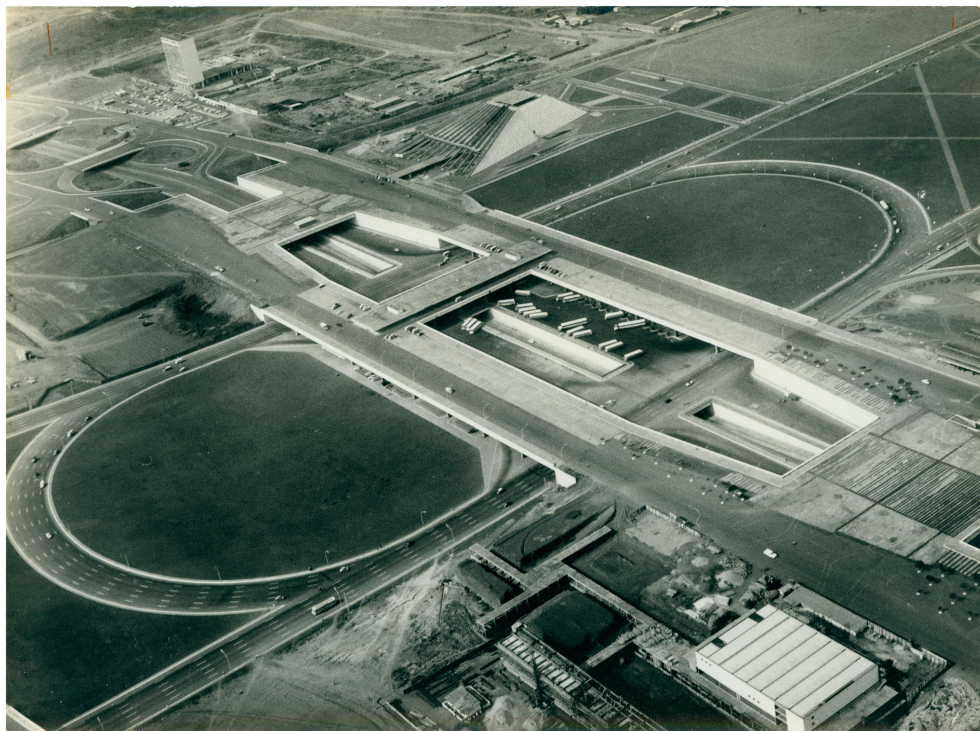


Figura 1: Vista aérea da cidade: Eixo Rodoviário; Estação Rodoviária; Teatro Nacional Claudio Santoro. Imagem do acervo fotográfico do IBGE. Créditos: Jannuzzi. Brasília, DF.

O imaginário de Brasília começa a ser criado a partir de uma promessa: a modernização da capital significaria a modernização do país. Brasília aparecia como o lugar onde a vida ia se ajeitar, seria a mais nova fonte e comprovação de desenvolvimento do Brasil. Uma cidade pulsante, onde não faltaria oportunidade. Seria construída para ser, de fato, uma utopia - social, arquitetônica, política e econômica. Não haveria espaço para as desigualdades, era o destino desejado. Cidade racional, separada por setores, cada lugar com sua função, cada ação com seu espaço designado, os passos dos indivíduos da capital teriam seus caminhos bem definidos. Estava tudo pronto para ser colocado em prática.

Não tardou, entretanto, para que a promessa da utopia se revelasse também uma ação guiada pelo inconsciente colonial-capitalístico, resultando em uma manobra neoliberal, muito bem executada, que exclui e segrega para se automanter. As desigualdades ficaram escancaradas. Os candangos, trabalhadoras e trabalhadores que migraram de diferentes regiões, principalmente do Nordeste e do Norte, para o centro do país foram os responsáveis pela construção da capital, por tirar do papel o ambicioso projeto modernista, por trazer à vida as paisagens do Plano Piloto dignas de cartão postal. Acontece que, mesmo construída às custas do suor e sangue candango, da sua mão-de-obra física e intelectual, Brasília, na

prática, destinou-se aos funcionários públicos e às elites econômicas e políticas. Ainda que planejada, Brasília não contou com a dinâmica da vida cotidiana que se faria inevitavelmente ali. Suely Gonzales (2010) explica que

Na realidade, as áreas residenciais do Distrito Federal cresceram e se reestruturaram à revelia das intenções iniciais de seu projeto urbanístico, demonstrando que o espaço urbano não é algo disciplinado segundo as necessidades ideais da coletividade humana, senão que está subordinado a outras instâncias que organizam as classes sociais no espaço físico, sobrepondo-se às concepções antropológicas (p.119).

Assim como as cidades anteriores, não-modernas e não-monumentais, não soube lidar com a sua expansão e o resultado foi um exílio já íntimo aos indivíduos sujeitos ao capitalismo.

Os candangos passaram a ser jogados improvisadamente às margens do Plano Piloto. Colocados de forma explícita como invasores, foram vítimas de um violento processo de erradicação dos acampamentos e favelas que se formavam próximos ao centro, movimento conhecido como Campanha de Erradicação de Invasões (CEI) - que, mais tarde, deu origem à cidade de Ceilândia. As trabalhadoras e trabalhadores foram empurrados para as “cidades-satélites”, com distâncias que variam de aproximadamente 10 a 40 km do Plano Piloto - eventualmente tanto as regiões do Plano quanto as regiões periféricas foram oficialmente renomeadas Regiões Administrativas. Núcleo Bandeirante e Taguatinga foram as duas primeiras a serem criadas, respectivamente em 1956 e 1958, antes mesmo da inauguração de Brasília.

De forma contraditória, a rápida expansão e saturação da nova capital não impactou o Plano Piloto. Segundo dados do Cadastro da Secretaria de Finanças do Governo do Distrito Federal, obtidos em 1976 - período de importante desenvolvimento do espaço urbano brasileiro e significativo crescimento de sua população - eram estimadas 49% de áreas desocupadas no Plano Piloto e mais de 90% de lotes vazios nos setores de mansões. Ao longo dos anos 70 houve incremento de 38,7% para a produção de habitações no Plano Piloto em contraste com um aumento de apenas 8,98% da população. Paralelo a isso, milhares de pessoas viviam em barracos, nas ruas ou de favor, longe de qualquer possibilidade de vida digna (Gonzales, 2010, pp.120-121).

As contradições características da cidade brasileira eram facilmente observadas quando consideradas as questões, por exemplo, de infraestrutura das cidades-satélites.

Assim como no Plano Piloto predominam os melhores padrões de habitação é nele que se encontram também os melhores padrões urbanos dados pela infra-estrutura de redes e serviços. O sistema de abastecimento de água, por exemplo, privilegia a população do Plano Piloto, que dispõe de 85% da capacidade distribuída de água potável no DF. Durante o período de 1970 a 1976, esta localidade central, cujo incremento populacional foi mínimo em relação ao dos demais núcleos urbanos, foi

a única que teve a capacidade de seus reservatórios aumentada, enquanto os demais núcleos mantiveram sua capacidade inalterada desde 1970, apesar do grande incremento populacional ocorrido no período (Gonzales, 2010, p.124).

Hoje, o DF conta com 35 Regiões Administrativas, das quais a maioria exhibe as sequelas da exclusão operada a partir dos anos 60 no território cerratense. As moradoras e moradores das cidades-satélites se vêem, há quase sete décadas, tendo de encarar transportes públicos lotados, caros e em condições precárias, passando horas e mais horas nos trajetos da casa ao trabalho e vice-versa. Na Fercal, uma das RAs, o número de apenas 20% de moradias com acesso a esgoto tratado contrasta-se de forma assustadora com a taxa de 100% no Plano Piloto e no Sudoeste. Também na Fercal mais da metade das casas lida com insegurança alimentar, enquanto no Plano, Lagos Norte e Sul, Guará, Sudoeste e Park Way os números ficam abaixo de 2,5%. As taxas com diferenças estrondosas se repetem em diversos outros âmbitos, como educação, mobilidade urbana, segurança pública, e outros. (Inesc, 2022). As dinâmicas sociais de Brasília passaram a ser construídas a partir de uma *cartografia do isolamento* (Freitas, 2024, p.8), criando uma dormência nos corpos excluídos, um vão entre indivíduo, grupo e espaço, surge uma desconexão entre o desejo e a pulsão de criação.

3.2 Corpo-território: outras formas de conceber o espaço

Seria a cidade, então, cenário exclusivo para a produção capitalista? Estão todas e todos habitantes da urbe condenados ao esvaziamento simbólico? Bom, por mais que seja a pretensão neoliberal o domínio completo, ainda existem espaços em que o princípio da concorrência não conseguiu se fazer absoluto, em que a bússola ética do desejo predomina com relação à bússola moral, brechas em que a vida persiste. Para Rolnik (2019), moram aí as oportunidades de insurgência, capazes de subverter a lógica vigente e criar outros espaços. O processo de insurgência começa a partir do diagnóstico das micropolíticas reativas que lideram as construções materiais e subjetivas do mundo.

Insurgir-se nesse terreno implica que se diagnostique o modo de subjetivação vigente e o regime de inconsciente que lhe é próprio, e que se investigue como e por onde se viabiliza um deslocamento qualitativo do princípio que o rege. Sem isso, a tão aclamada proposta de profilaxia para a patologia do presente não sairá do laboratório das ideias, correndo o risco de permanecer confinada no plano imaginário e suas belas ilusões alentadoras - elas mesmas dispositivos de captura (p.36).

Segundo Foucault, é possível encontrar espaços que, materialmente, se apresentam como contraponto à realidade vivida nas cidades, são “outros espaços”, separados do mundo como conhecemos. Obedecem a sua própria lógica e respeitam seu próprio tempo - muitas vezes diferente do cronológico. Ele os chama de heterotopias.

Há, igualmente, e isso provavelmente em qualquer cultura, em qualquer civilização, lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contraposicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis. Esses lugares, por serem absolutamente diferentes de todos os posicionamentos que eles refletem e dos quais eles falam, eu os chamarei, em oposição às utopias, de heterotopias [...] (Foucault, 2001, p.415).

Falarei aqui das heterotopias de Foucault à luz de uma análise lefebvriana, que permite traçar um paralelo entre espaços heterotópicos insurgentes e o que Lefebvre chama de “espaço vivido”. Para ele, o *espaço vivido*, que abrange a experiência simbólica e inconsciente do espaço, acaba desaparecendo cada vez mais como consequência da supervalorização, principalmente, do *espaço concebido* - representação racional do espaço, produto de cientistas e intelectuais - ou mesmo do *espaço percebido* - lugar onde a vida cotidiana acontece para cumprir suas funções preestabelecidas, ações automáticas - em detrimento das construções do espaço vivido (Lefebvre, 2006, p.40). É justamente essa desconexão que cria o vazio simbólico com o qual damos de cara ao existir em um mundo neoliberal.

Apesar das mazelas constitutivas da vida na cidade, sempre existiram o que Simas (2019) chama de *cultura de frestas*: próprias de espaços que, frente às exclusões e violências, inventam formas de sobreviver, criam uma vida experienciada a partir de outros sons e ritmos, espaços de improvisação. São lugares que, por muitas vezes, podem até passar despercebidos pela pretensão racional do indivíduo, mas que ressoam no corpo, fazem vibrar, e disso não tem como escapar. No Brasil, as frestas podem ser encontradas no samba, na capoeira, no boteco da esquina, na criança que solta pipa, nas comemorações alucinadas do gol da virada, na água colocada no feijão, no carnaval que enfeita os asfaltos e em inúmeras outras formas de vida improvisadas pelos povos deste território.

Fica claro, então, que as frestas, os espaços heterotópicos insurgentes, estão intrinsecamente relacionados à uma potência imaginativa, capaz de ser canalizada por uma lógica de solidariedade, que ativa movimentos coletivos - e que se coloca como contraponto à concorrência neoliberal. O corpo se reconecta com o espaço, se territorializa. Como referenciado anteriormente, Sodré (2019) coloca que o corpo é a referência primeira para a concepção da realidade, de si e do outro. A colocação vai ao encontro com os entendimentos de Foucault:

Meu corpo está, de fato, *sempre* em outro lugar, ligado a todos os outros lugares do mundo e, na verdade, está em outro lugar que não o mundo. Pois, é em torno dele que as coisas estão dispostas, é em relação a ele - e em relação a ele como em relação a um soberano - que há um acima, um abaixo, uma direita, uma esquerda,

um diante, um atrás, um próximo, um longínquo. O corpo é o ponto zero do mundo, lá onde os caminhos e os espaços se cruzam, o corpo está em parte alguma: ele está no coração do mundo, este pequeno fulcro utópico, a partir do qual eu sonho, falo, avanço, imagino, percebo as coisas em seu lugar e também as nego pelo poder indefinido das utopias que imagino. Meu corpo é como a Cidade do Sol, não tem lugar, mas é dele que saem e se irradiam todos os lugares possíveis, reais ou utópicos (2013, p.14).

A partir daí podemos compreender o interesse do sistema pela redução do corpo a uma máquina, algo útil, que deve sempre querer mais, ser sempre melhor, deve ser ferramenta exclusiva para o trabalho e qualquer função desviante desta não é legítima.

Um corpo em movimento, um corpo que desafia fronteiras, que está acordado e sensível, um corpo livre - esse tipo de corpo não cabe entre os muros neoliberais. O corpo deve se tornar dormiente às forças do mundo, aos atravessamentos que desenham cartografias de sentidos, caminhos e códigos. A moral cristã, que guia grande parte da população brasileira e mundial, aparece como aliada nessa estratégia ao enquadrar o corpo e seus movimentos, anseios, necessidades e encantamentos como práticas pecaminosas, que devem ser evitadas a todo custo - caso contrário, o que se obtém como resposta é castigo e indignidade.

Precisamos de corpos fechados ao projeto domesticador do domínio colonial, que não sejam nem adequados nem contidos para o consumo e para a morte em vida. Precisamos de outras vozes, políticas porque poéticas, musicadas, da sabedoria dos mestres das academias, mas também das ruas e de suas artimanhas de produtores de encantarias no precário. A escola colonial, tão presente, busca educar corpos para o desencanto e para os currais do mercado de trabalho, normatizados pelo medo de driblar/gingar/pecar (Simas, 2019, p.56).

Diferente do espaço fixo, rígido, imóvel, palco de exercício da autodisciplina própria do sujeito neoliberal, propor uma outra compreensão de território implica, então, em admiti-lo como móvel, possível de ser alterado a cada novo passo, a cada nova descoberta. O mundo não está pronto, ele se constrói e se transforma diariamente a partir de quem nele interage e vive. Estabelecer esse tipo de relação com o território é muitas vezes associado a uma compreensão da dimensão sagrada do espaço.

O Distrito Federal é um território em que 57,4% da população se autodeclara negra. As porcentagens de habitantes negros variam, em grande parte das RAs do DF, entre 50 até mais de 75%. Existem apenas nove regiões onde a porcentagem de habitantes negros é abaixo de 50: Lago Sul, ParkWay, Sudoeste/Octogonal, Plano Piloto, Lago Norte, Jardim Botânico, Cruzeiro, Águas Claras e Guará (Inesc, 2022).

Em seu texto, Sodré (2019) traça um paralelo entre cidade e terreiro ao apresentar este último como uma forma concreta de organização social que não se enquadra nos parâmetros neoliberais do mundo. Trata-se do agrupamento de seres, forças e valores que existem a partir

de sua própria lógica e tempo, que não são direcionados para a manutenção do *status quo* ou pretendem algum tipo de acumulação mercantil ou de vitória retumbante sobre algum outro. Ao contrário, a lógica construída pelos grupos negros diaspóricos em território brasileiro - e que persiste até os dias de hoje - é guiada em direção ao mistério, à força vital - o axé.

O axé não é, portanto, uma emanção física, mas um potencial de transformação e passagem que, a exemplo do poder concebido por Nietzsche, pode variar - diminuindo ou aumentando. Sua existência dá-se a partir da relação entre sujeitos ou entre sujeitos e objetos. A terra, as plantas, os homens são portadores de axé, são veículos de possibilidades de afetarem e serem afetados, diretamente vinculadas às práticas rituais (Sodré, 2019, pp.96-97).

Uma vida sem axé é, precisamente, a vida que tem sido imposta aos indivíduos das sociedades em escala global desde o início do século XX, é o desvio do desejo de persistência da vida.

Em contraste com os dogmas cristãos, guiados pelo amor, as tradições negras, explica Sodré, trilham caminhos baseando-se na ideia da alegria - conceito que no senso comum passou a ser associado com “diversão”, mas aqui aproxima-se à esfera do sagrado, diz respeito a uma conexão consigo e com o cosmos.

[...] a palavra “alegria” passou a ser usada modernamente para designar também o puro e simples divertimento ou transbordamento pessoal pela risada, qualquer efeito de gratificação do ego. Não é exatamente o mesmo sentido que estamos visando e, por isso, poderíamos alternar o emprego de “alegria” com o da palavra “alecridade” (também derivada de *alacer*; “alado”), que está bem próxima de *sacer* (sagrado). [...] Álacre é, por exemplo, o instante em que o indivíduo, abrindo-se sinesteticamente às coisas do mundo - o sol que nasce, a água corrente, o ritmo dos seres -, abole o fluxo do tempo cronológico, deixando o seu corpo libertar-se de qualquer gravidade, para experimentar a sensação do presente (Sodré, 2019, p.149).

Essas tradições não têm medo do corpo: sem ele não existe movimento, ritual, sagrado, existência. O corpo e suas possibilidades são centrais para a dinâmica comunicacional da vida, ele é desejado ao invés de negado. Ao se depararem com os costumes coloniais, vergonhosos e recatados, a liberdade do corpo é condenada, posta como promíscua.

Por colocar a liberdade corporal no centro de todo processo comunicativo, a cultura negra choca-se com o comportamento burguês-europeu, que impõe o distanciamento entre os corpos. A cortesia e o refinamento são regidos por normas que vetam os toques mútuos, assim como o livre contato corporal em público. A intensificação de um império normativo dessa ordem, correspondente ao aumento do poder das aparências européias no espaço urbano brasileiro, fazia com que a noção de promiscuidade abrangesse toda a esfera de atos não garantidos ou autorizados pelos códigos metropolitanos (Sodré, 2019, p.42).

O terreiro surge a partir da desterritorialização em massa de diversos povos africanos no momento da diáspora. No Brasil, as culturas e saberes desses grupos se viram golpeados, ameaçados e condenados. A partir disso, em meio a desmedida violência, tais grupos trataram de inventar outras formas de organização de seus mundos, viram-se obrigados a se

reterritorializar neste novo lugar o qual nenhum deles ainda conhecia. O resultado foi uma adaptação coletiva de saberes e tradições de diversas regiões diferentes da África, decorrência de um modo de organização por sobrevivência. Esse modo de organização não surge de uma ideia de “lei universal”, mas do reconhecimento e acolhimento das diferenças. As regras da vida social são da ordem do consenso, não da imposição (Sodré, 2019, pp.94-95). O terreiro é um exemplo importante de sociedade organizada com base na lógica da solidariedade, construída a partir da admissão de que as diferenças compõem o todo, logo, que não aspira por uma unidade homogênea.

De fato, o terreiro, enquanto guardião do axé, revela-se como uma contrapartida à hegemonia do processo simbólico universalista, exibindo um *segredo*: o de deter forças de aglutinação e solidariedade grupal. É uma solidariedade para além das dimensões do individualismo burguês, com raízes na divindade (princípios cósmicos) e na ancestralidade (princípios éticos). Por meio da aglutinação grupal, acumulam-se, de preferência, homens, seres-força, em vez de bens regulados pelo valor de troca (Sodré, 2019, p.110).

Ainda com relação ao paralelo terreiro-cidade, conseguimos perceber de que forma a música e a dança estão relacionadas com esse modo de organização, com um corpo que se reconecta com o território, que se abre ao sensível. Ao dançar, o corpo se desconecta do tempo cronológico, as demandas do cotidiano são deixadas para depois. Dançar pressupõe interação, arranca o sujeito de si mesmo, faz com que ele se abra para a experiência fora-do-sujeito. A partir da dança, o corpo se movimenta, sai do lugar, perde a rigidez, entra em transe. No terreiro, o ritmo e a dança compõem o rito, e o próprio corpo torna-se território.

A dança é um jogo de descentramento, uma reelaboração simbólica do espaço. Considere-se a dança do escravo. Movimentando-se, no espaço do senhor, ele deixa momentaneamente de se perceber como puro escravo e refaz o espaço circundante nos termos de uma outra orientação, que tem a ver com um sistema simbólico diferente do manejado pelo senhor e que rompe limites fixados pela territorialização dominante. Por outro lado, o tempo que o escravo injeta nesse espaço alterado tem conteúdo diferente do vivido pelo senhor - é um tempo sem hegemonia de trabalho, um outro *dion*, com outra ordem de acontecimentos e princípios cósmicos diferentes (Sodré, 2019, p.125).

Esse tipo de experiência fora-do-sujeito, o que podemos entender também como o resgate da força vital, pode ser alcançado na arte em suas diferentes formas e representações. A existência da arte, entretanto, não pode ser resumida a um instrumento de resistência. Falar em resistência, de certa forma, implica uma relação consequencial, o que pode levar ao entendimento de que a arte só existe em contraste com algo - nesse caso, o sequestro da vida em sua condição de vivente. A arte, quando regida por uma micropolítica ativa, assim como as outras formas que levam o desejo à persistência da vida, existe por si só, é da ordem da criação e não se faz real apenas quando colocada de frente com outra coisa. Antes de um

meio de resistência, uma política por afirmação “trata-se de um ‘combate pela’ vida em sua essência germinativa” (Rolnik, 2019, p.135), não necessariamente um combate “contra” algo. Por isso é tão perigosa, e por isso também que os esforços neoliberais de domesticação tentam alcançá-la e apropriá-la. A mercantilização e institucionalização da arte tenta incansavelmente reduzi-la a um produto, esvaziá-la do seu caráter transformador, substitui a “criação” pela “criatividade”, a arte passa a ser legítima apenas se pertencente à elite (Rolnik, 2019, p.136).

Entretanto, a arte conectada ao corpo e às forças do mundo é incapaz de ser apropriada por completo pelo regime colonial-capitalístico. Quando a arte ocupa as ruas, por exemplo, quando os asfaltos são enfeitados pelas festas e pelos batuques, quando os muros das cidades são pintados e pichados, o mundo inteiro balança. Não interessa se não há lugar oficial para aquele acontecimento, o espaço se cria a partir desse movimento. O barulho ensurdecedor dos automóveis dá espaço ao barulho cantado das gentes daquele território. É resgatado o encantamento do mundo.

O fenômeno da ocupação urbana costuma estar fora dos interesses institucionais pela arte e está essencialmente ligado à integração do corpo àquele espaço. A experiência da cidade através do corpo resulta em um afetamento recíproco: ao mesmo tempo que o território é alterado e atualizado a partir das ações cotidianas - que podem, mas muitas vezes não são necessariamente as previstas no planejamento urbano - o corpo também é atualizado com memórias urbanas que ali ficam registradas, são desenhadas *corpografias urbanas* (Jacques, 2008). São justamente as corpografias urbanas resultantes dos atravessamentos em/com espaços distantes da máquina neoliberal que são capazes de tecer uma vida em sua condição de vivente.

As ruas das cidades, quando apropriadas pelos corpos de seus habitantes, tornam-se polo catalisador do desejo, palco de encontros, toques, renascimentos. Ali, as linhas entre sagrado e profano são desafiadas. Faz-se festa.

A festa destina-se, na verdade, a renovar a força. Na dança, que caracteriza a festa, reatualizam-se e revivem-se os saberes do culto. A dança, rito e ritmo, territorializa sacralmente o corpo do indivíduo, realimentando-lhe a força cósmica, isto é, o poder de pertencimento a uma totalidade integrada. Além disto, graças à intensificação dos movimentos do dançarino na festa, espaço e tempo tornam-se um único valor (sacralização), e assim autonomizam-se, passando a independe- r daquele que ocupa o espaço. A dança é propriamente integração do movimento ao espaço e ao tempo (Sodré, 2019, p.136).

A festa - necessariamente coletiva - é capaz de reorganizar um espaço de opressão, reinventando o modo de vida a partir das relações, regras, conflitos e afetos próprios daqueles sujeitos. “A festa em tempos de crise é mais necessária que nunca. A gente não brinca, canso

de repetir isso, e festeja porque a vida é mole; a turma faz isso porque a vida é dura. Sem o repouso nas alegrias, cá para nós, ninguém segura o rojão” (Simas, 2019, p.111).

Somos condicionadas a pensar que se nossos corpos estão envelhecidos, se não aguentam mais trabalhar, se não atendem mais aos padrões do sistema, é porque se atingiu o seu limite, não tem mais o que oferecer, não serve mais pro mundo. O que resta é rezar e aguardar a morte. Mas o que costumamos esquecer também é que mesmo o corpo cansado como resultado de décadas de exploração, mesmo o corpo embrutecido pelas violências cotidianas, mesmo - e especialmente - este corpo pode ainda dançar.

IV. O EIXÃO DO LAZER COMO FRESTA BRASILIENSE

O “Eixão”, como é popularmente conhecido, refere-se ao Eixo Rodoviário (ou DF-002), uma das principais vias de Brasília. A avenida conta com seis faixas de rolamento, sendo três delas em cada sentido (norte e sul). Conhecida por ser cenário para carros em alta velocidade e representar perigo aos pedestres, a avenida atravessa horizontalmente o Plano Piloto e conecta Asa Norte à Asa Sul por uma linha reta, sem semáforos ou cruzamentos (as “tesourinhas” funcionam como forma de desvio e conectam a via aos “Eixinhos” e às quadras residenciais).



Figura 2. Imagem do acervo fotográfico do IBGE. Brasília, DF.

As “passagens subterrâneas” são passarelas subterrâneas disponíveis para que os pedestres possam atravessar os eixos sem correr risco ao atravessar as ruas, mas muitas vezes são evitadas devido à falta de iluminação e precariedade, que podem facilitar situações de assalto, assédio e outras formas de violência.

Aos domingos e feriados, entretanto, o funcionamento do Eixão - e, como consequência, de Brasília como um todo - muda. Das seis da manhã às seis da tarde, a via se fecha para os veículos e se transforma em espaço de convivência para as cidadãs e cidadãos. O Eixão do Lazer, como é conhecido, é um exemplo de rua de lazer, que surge com o objetivo de promover qualidade de vida aos habitantes.



Figura 3. Imagem do acervo pessoal da autora.



Figura 4. Imagem do acervo pessoal da autora.

A primeira vez que a expressão “Eixão do Lazer” apareceu no Correio Braziliense, um dos principais jornais da cidade, foi em uma publicação de 1977, e dizia respeito à Campanha Esporte para Todos, promovida pelo Ministério da Educação e Cultura. Esta campanha, elaborada em plena Ditadura Militar, aparece principalmente como incentivo à prática de atividade física e combate ao sedentarismo, não tendo como motor principal a participação coletiva (Chini, 2019, pp.81-81).

“Eixão do Lazer” uma nova promoção do Defer, dia 12

Milhares de crianças e adultos vão participar, no próximo dia 12, do Eixão do Lazer, que o Governo do Distrito Federal, através do Departamento de Educação Física, Esportes e Recreação e Departamento de Educação Física da Fundação Educacional, vai promover para comemorar o Dia da Criança, dentro da Campanha Esporte para Todos, do DED do Ministério da Educação.

A promoção será realizada no Eixo Rodoviário Sul que, no período de 8 às 17 horas, estará fechado ao tráfego de veículos, para permitir a toda a população brasileira participar de competições esportivas e de recreação orientadas e dirigidas por professores e técnicos dos órgãos esportivos do Governo do Distrito Federal.

EIXÃO DO LAZER

O Eixão do Lazer de Brasília, faz parte da Campanha Esporte para Todos promovida em âmbito nacional pelo Ministério da Educação e Cultura. É uma versão ampliada das tradicionais ruas de recreio, onde crianças e adultos tomam conta de vias públicas para praticarem esportes e recreações, sob a orientação de professores de educação física.

A promoção do Governo do Distrito Federal, embora programada para o Eixo Rodoviário Sul, terá a participação de crianças de todos os complexos escolares das cidades-satélites que serão trazidos em ônibus especiais pela Fundação Educacional (400 ônibus de cada um dos 21 complexos) e acompanhados pelos seus professores.

O Eixo Rodoviário Sul, da altura da 103 à 116, será inteiramente tomado por mais de 20 mil pessoas, que através de rodízios, passarão por áreas, na pista de rolamento e nos gramados, onde poderão praticar peteca, judô, ginástica, atletismo, futebol de salão, estacionebol, handebol, voleibol, frescobol, queimada, tênis de mesa, pintura, futebol de mesa, recreação. Existem ainda, áreas especiais para a prática de ciclismo, patinetes, skates, patins, velotrol e carrinhos de rolimã.

A programação do Eixão do Lazer é livre. Qualquer pessoa poderá participar das competições, sem obrigatoriedade de horário, podendo entrar e sair do local quando desejar. Apesar a participação dos complexos escolares está distribuída em dois horários, para facilitar o transporte das crianças.

Na parte da manhã participam os seguintes complexos: Guarã A e B, Núcleo Bandeirante A, Brasília A, B e C, Sobradinho A e B, Cruzeiro A e Taguatinga B e C.

Figura 5. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Entre o período de 1970 e 1980, o Eixão do Lazer aconteceu como palco para desfiles cívicos, paradas militares, campanhas do governo, além de se tornar destino daqueles que desejavam correr, caminhar, andar de bicicleta ou skate ou praticar qualquer outro tipo de atividade física. O que começou como campanha de saúde e esporte foi se adaptando, se expandiu para o Eixo Norte e, em 1991, entrou em vigor o Decreto Nº 13.250 que dispunha sobre o fluxo de veículos no Eixão. Segundo o Artigo 1º, “Fica vedado o tráfego de veículos automotores no eixo rodoviário, partes sul e norte, no período das 8:00 às 16:00 horas, em caráter experimental, aos domingos e feriados” (Distrito Federal, 1991). O Eixão inteiro, do final da Asa Norte ao final da Asa Sul, passou a ser fechado para os veículos aos domingos e feriados, e os corpos brasilienses passaram a ocupar os asfaltos. O que era uma primeira experiência perdurou e o Eixão do Lazer passou a fazer parte dos planejamentos dominicais dos habitantes da cidade. Em 2010, entra em vigor um decreto que altera o período do Eixão

do Lazer para os horários das 6h às 18h. Com o tempo, atreladas ao esporte, as manifestações culturais e participação popular passaram a integrar cada vez mais o Eixão do Lazer, fazendo dele uma construção coletiva, um espaço com sotaque propriamente brasiliense.

Um dos fatores mais emblemáticos para a consolidação do Eixão do Lazer como polo cultural de Brasília, entretanto, se deu recentemente. O Choro no Eixo, projeto que surgiu em 2020 com o intuito de fazer uma roda de choro no Eixão do Lazer, tem sido um dos principais responsáveis por preencher de gente as ruas do Eixão aos domingos.

4.1 Brasília como roda de choro

O Choro no Eixo é um projeto idealizado por Márcio Marinho e Gilson Mendes, surgido em um contexto pós-*lockdown* devido à pandemia de Covid-19 que afetou o mundo em 2020. Com o objetivo de resgatar a cena artística e a população de Brasília do hiato tanto forçado quanto necessário, e de democratizar o acesso ao choro e à cultura brasileira, o projeto tomou corpo no Eixão do Lazer. Em um momento em que estavam todos já saturados do isolamento social, o Eixão apareceu como uma oportunidade de reunir as pessoas de maneira segura - no local, aberto, existia espaço o suficiente para que o distanciamento social fosse respeitado - e resgatar o encantamento da vida cotidiana.

Segundo Márcio Marinho², que além de organizador também está à frente das apresentações como cavaquinista, o projeto começou “com o intuito de a gente fazer um som na rua, democraticamente” (Marinho, 2025) e de os artistas recuperarem renda após a pandemia. Marinho conta que, quando eles começaram, havia apenas um ambulante naquele espaço e as arrecadações eram feitas “passando o chapéu”. Esse movimento, no começo pequeno, passou a tomar força. Eventualmente, o choro já reunia centenas de pessoas semanalmente, cobrindo Brasília com um ar de celebração, de coletividade, de ritual.

A quantidade de frequentadoras e frequentadores aumentou, assim como as opções de atividades. Inspirados no Choro no Eixo, surgiram outras manifestações culturais no Eixão, como o jazz, o reggae, o rock e o samba. Opções de bebidas e comidas de todos os tipos passaram a ser encontradas aos domingos na via como um todo. Entre uma apresentação musical e outra, feiras de adoção de animais e artesanato passaram a preencher os gramados. O Eixão do Lazer começou a reunir ainda mais os vários povos de Brasília, seus artistas, suas mulheres e homens, suas crianças - e até seus *pets!* -, além de atrair muita gente que vem de fora para ver o fenômeno acontecendo de perto.

² No apêndice deste trabalho é possível encontrar os termos de consentimento para a divulgação das entrevistas.

Hoje, encontra-se no Eixão do Lazer, em especial na parte norte, onde a maioria das apresentações artísticas se concentram, todo tipo de gente, de vários formatos, lugares, com repertórios diversos, e a música que ecoa pelas ruas bota todo mundo pra dançar lado a lado.



Figura 6. Imagem do acervo pessoal da autora.



Figura 7. Imagem do acervo pessoal da autora.



Figura 8. Imagem do acervo pessoal da autora.

A partir das falas de Márcio Marinho é possível compreender o Choro no Eixo como agente catalisador de ocupação e intervenção urbana, mas essa compreensão não veio logo de cara para os artistas. Apesar de não ter demorado para que o caráter político daquele movimento ficasse evidente, o que veio primeiro para os organizadores foi o desejo de fazer e viver arte. Aqui, temos um exemplo claro de como a arte opera a partir de micropolíticas - que, diferentes das macropolíticas, que agem por negação, atuam por afirmação (Rolnik, 2019, pp.135-136). Bastou escutar as demandas do corpo para que as cartografias afetivas, a vida em sua potência germinativa, começassem a se costurar.

O choro

O processo de surgimento do choro teve início no Rio de Janeiro do século XIX, resultado da fusão de influências europeias e africanas. O violão e o cavaquinho, complementados por diversos outros instrumentos, como a flauta, o bandolim e o pandeiro, estão na base do ritmo, que carrega o improviso como característica importante. Para Henrique Cazes, um dos grandes responsáveis pela consolidação do choro - o qual ele caracteriza como um fenômeno urbano - como gênero musical brasileiro foi Pixinguinha.

Partindo da música dos chorões (polcas, schottische, valsas etc.) e misturando elementos da tradição afro-brasileira, da música rural e de sua variada experiência profissional como músico, Pixinguinha aglutinou ideias e deu ao Choro uma forma musical definida. Sob a luz de sua genialidade, o Choro ganhou ritmo, graça, calor. Ganhou também o hábito do improviso, especialidade em que ele foi um mestre (Cazes, 1998, pp.57-58).

Não há choro sem roda. As rodas de choro são encontros em que instrumentistas se reúnem para tocar e improvisar composições interpretadas a partir da lente do choro. É um espaço de interação, de troca, um espaço em que os atravessamentos rizomáticos são alimentados. Costumam acontecer em lugares como bares e praças ou em espaços mais íntimos como quintais e casas, e são abertas para que diversos artistas cheguem e a integrem. Na roda, são possibilitados encontros entre os instrumentistas mais experientes e os mais iniciantes, lugar em que acontecem interações que contribuem para a preservação do choro como tradição cultural, ao mesmo tempo que o reinventa, abrindo a experiência musical ao novo. A roda de choro “é um encontro de comunhão, um encontro de amigos pra fazer um som, e que ninguém sabe no que vai dar” (Marinho, 2025).

O choro passou a ser um dos gêneros musicais mais representativos da cultura brasileira, sendo marcado por uma profunda sofisticação, versatilidade e sensibilidade. No dia 22 de fevereiro de 2024, foi declarado Patrimônio Cultural do Brasil.

Em Brasília, o choro se fez presente desde o começo. Chegou com o funcionalismo público, tendo Dilermando Reis como pioneiro, e encontrou terra fértil para firmar raízes, passou a integrar o imaginário cultural da capital. Chorões como Hamilton Costa, Avena de Castro, Reco do Bandolim, Waldir Azevedo e Odette Ernest Dias - flautista, que recebia em sua casa diversas rodas de choro na época - contribuíram para a consolidação do gênero como parte da cultura da cidade. A fundação do Clube do Choro de Brasília em 1977 e da Escola de Choro Raphael Rabello em 1998 são exemplos de como o choro tornou-se parte de Brasília.

Hoje, o choro preenche Brasília semanalmente, com o som do cavaquinho, do pandeiro e do violão tocando no centro da cidade, mostrando para quem quiser ver - e para quem não quiser também - que a identidade do povo e dos sujeitos desse território, suas crenças e modo de organização são construídas a partir da solidariedade da roda. Márcio Marinho, ao falar sobre como o choro afetou sua vida, admite o gênero como agente direcionador das ações.

O choro transformou minha vida, eu não sei o que eu faria se não fosse o choro porque não se trata de só aprender uma música, se trata de um estilo de vida, de um estilo de resistência. A importância do choro vai além da divulgação cultural, ele vem para nos tornar pessoas melhores (Marinho, 2025).

O choro se torna praticamente um compromisso de vida. Nesse sentido, e retomando o paralelo trabalhado por Sodré (2019) entre terreiro e cidade, é possível pensar Brasília como uma roda de choro: coletiva, improvisada, sofisticada, inventiva, espaço em que todas e todos se colocam a dançar e ficam evidentes todas as contradições e belezas das “miudezas do cotidiano” (Simas, 2019, 94).

4.2 A quem incomoda o Eixão do Lazer?

Em 1º de setembro de 2024, o GDF - tendo o governador Ibaneis Rocha à frente -, por meio do DF Legal em parceria com o DER-DF e da PMDF, realizou uma operação no Eixão do Lazer, retirando os vendedores ambulantes que não possuíam licença para comercializar no local. A ação interrompeu as atividades daquele domingo, causando grande comoção entre os frequentadores e frequentadoras do evento e entre internautas.

Em nota, o DF Legal (2024) informou que a ação pretendia “verificar a licença de vendedores ambulantes presentes no Eixão do Lazer e coibir a venda irregular de bebidas alcoólicas”. Em entrevista concedida ao G1, a ambulante Ana Alencar afirmou que tentava há dois anos regularizar sua função mas que não obteve retorno das autoridades (Almeida, 2024).

Quando pensamos em uma intervenção governamental desse tipo tendemos a imaginar que algo deve estar errado, o governo se viu diante de uma situação em que precisou tomar as rédeas para que certa ordem não fosse bagunçada - ordem que, espera-se, é voltada em prol da vida em sociedade. Segundo uma pesquisa realizada pelo IPEDF em 2023 sobre como os moradores próximos do Eixão do Lazer se sentiam com relação ao evento, 94% dos entrevistados dizem já ter frequentado e gostar do evento. A grande quantidade frequentadoras e frequentadores semanais também mostra que parte expressiva da população do DF faz uso daquele espaço. O Eixão do Lazer, com todos os movimentos e atravessamentos que o compõem, torna-se um território em que as regras do mundo regido pelo sistema de subjetivação vigente são subvertidas, as danças tomam o lugar dos carros e ninguém ali tem pressa para nada.

Não é ao povo que o Eixão do Lazer incomoda. Ele tira do sério aqueles que não aguentam a alegria que sobrevive - aos trancos e barrancos - à miséria, que não suportam o incômodo de uma vida que sabe se virar no improviso porque se atreve a dar de cara com o novo. O Eixão do Lazer é um território em movimento, que exige corpos acordados, dançantes e brincantes.

No domingo do dia 8 de setembro do mesmo ano, uma semana depois da operação do GDF, uma manifestação contra as ações opressoras do governo tomaram as ruas do Eixão. O ato, “Ocupa Eixão” como ficou conhecido, reuniu milhares de habitantes, artistas de diversos gêneros, grupos de fanfarra, pais, mães, crianças, pessoas de todas idades e vivências se juntaram em um único espaço para que ficasse bem claro que seus corpos não estavam dispostos a abrir mão daquele território. O Eixão inteiro se transformou em festa e todo mundo dançou.

Segundo Márcio Marinho, os organizadores do evento estão sempre abertos ao diálogo com o GDF mas a impressão que dá é que eles estão mais interessados em colocar dificuldades e empecilhos do que em ajudar o movimento. Ao invés de investirem, por exemplo, em transporte público gratuito que chegue no Eixo Norte aos domingos, o governo prioriza intervenções desmobilizadoras, postas em prática de supetão.

A questão é que eles chegaram só colocando regras, mas não tomaram iniciativa, por exemplo, de colocar um bebedouro, um banheiro químico... o que que o governo vai dar? Estamos fazendo a parada do jeito que conseguimos, mas sem o apoio do governo. O único apoio que temos dele é, tipo, “Pode fazer - e só nesses lugares específicos”. Já tem um plano de ocupação que precisa ser seguido, mas eu acho que precisa melhorar muita coisa nos eventos - não se trata só do Choro no Eixo, o Eixão é um espaço cultural. O Choro criou o pavimento pra que isso acontecesse, mas agora temos que nos juntar para que a gente consiga cada vez mais ter políticas públicas, iniciativas do governo para que o Eixão melhore. Por que não lançam editais, por exemplo, para eventos no Eixão? A gente faz na raça, no PIX [...] (Marinho, 2025).

4.3 Corpografias do Eixão do Lazer

Ao caminhar pelo Eixão do Lazer, um dos principais traços que chama atenção é a quantidade de crianças que frequentam o espaço. As árvores, os brinquedos, as bicicletas que podem ser alugadas, as ruas para andar de skate, para correr, as músicas e danças, as cores, todo o ambiente do Eixão como ele se compõe atualmente aos domingos é capaz de criar um lúdico que é acolhedor à criança - muitas vezes também colocada às margens do neoliberalismo.



Figura 9. Eixão do Lazer. Imagem do acervo pessoal da autora.



Figura 10. Eixão do Lazer. Imagem do acervo pessoal da autora.

Nas conversas com os frequentadores, a questão de ser um ambiente convidativo às crianças se fez presente algumas vezes. Segundo Jonas (2025), membro da equipe de som do Choro no Eixo, o maior impacto do Eixão do Lazer é na dinâmica cultural daquele espaço. “A cultura, com certeza (*sofre mais impacto*). Você vê muita criança aqui, criança de 12 anos vindo tocar, se divertir, ainda mais a juventude de hoje em dia que tá sempre no celular. Quando eles vêm aqui é diferente, eles ficam entretidos, é muito massa”.

Alguns dos entrevistados comentaram que costumam levar suas filhas e seus filhos ao Eixão no domingo, o que revela que as crianças não apenas passam por aquele espaço, mas afetam a dinâmica do evento e das relações. Pensar no Eixão do Lazer como lugar para crianças permite pensá-lo, conseqüentemente, como espaço acolhedor para mães, mulheres que junto com seus filhos e filhas são constantemente rechaçadas de diversos espaços na realidade urbana.

Para Pedro, paulista de 10 anos que passeava por Brasília durante uma das minhas visitas ao Eixão, a percepção do que é o evento se confunde com a arquitetura da cidade e com as ideias utópicas do projeto inicial. Comparando Brasília a São Paulo, ele disse que a Capital Federal parecia “mexer mais com comunidade”. Essa noção veio para ele a partir da observação de que, nas superquadras, existem quadras públicas para esportes como futsal e vôlei. Quando perguntado sobre o que ele mais estava gostando no Eixão do Lazer, o menino disse sem titubear que eram as bolhas de sabão.

O Choro no Eixo realmente parece ser o destino principal de quem frequenta o Eixão do Lazer. Nas entrevistas, a maioria disse que prefere ficar no Choro ou onde tem música. É,

de fato, próxima à roda que fica a maior parte dos ambulantes e barracas, oferecendo diversos tipos de comidas, *drinks*, chopes, água de côco e tantas outras opções.

Ao analisar as respostas dos entrevistados e das entrevistadas sobre os atravessamentos do Eixão do Lazer, podemos perceber referências a uma realidade rizomática, inventiva, que se garante no improviso. Para Fabrício, cada ida ao Eixão se torna uma memória única - inscreve uma corpografia urbana específica -, o que pode ser explicado pelas construções específicas de cada dia, de cada momento. “[...] eu acho que cada dia que eu venho ele se torna único, a partir do momento que você tá aberto a experimentar ele se torna único”. Nesse sentido, Márcio Marinho também coloca: “Porque no Choro no Eixo, é engraçado isso, nem a gente sabe o que vai acontecer. A gente sabe que vai acontecer uma roda de choro e só. Essa que é a mágica”.

Entre os atravessamentos mais marcantes para quem frequenta e inventa aquele espaço podem se destacar os que acontecem em períodos de festa, como no carnaval. O Ocupa Eixão também foi mencionado algumas vezes pela magnitude que tomou e pela diversidade de encontros que proporcionou. Sobre a ocasião, Márcio Marinho conta que

[...] foi o dia que mais deu gente no Eixão, eu vi tudo aquilo tomado, não só onde tava o Choro no Eixo. O Jazz, e outras manifestações culturais... a via inteira. E a gente fez inclusive um cortejo com a galera da fanfarra. Então a gente uniu várias manifestações culturais da cidade por um mesmo ideal, um mesmo objetivo, que era ocupar o Eixão e mostrar que quem manda ali é a população, não o governo (2025).

O caráter de solidariedade do movimento, que remete a diversas organizações sociais que apresentam formas alternativas de vida, é reforçado diversas vezes nas conversas. A intenção de fortalecer o Eixão e as várias manifestações que nele germinam é consenso que guia os corpos daquele território.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Brasília, apesar de ser marcada historicamente por uma cartografia de isolamento, ainda é capaz de encontrar frestas onde a cidade consegue se reinventar, o corpo passa a fazer parte da rua, destinada prioritariamente às urgências do cotidiano neoliberal. O Eixão do Lazer se apresenta como uma dessas frestas a partir do momento que possibilita um novo ordenamento de mundo, em que os sujeitos têm espaço para se organizar coletivamente, brincar e dançar. O Choro no Eixo se provou catalisador do movimento, que resgata, mesmo que por alguns instantes, as subjetividades e os códigos construídos a partir da bússola ética do desejo.

Percebe-se que, entre as pessoas que frequentam, o valor do Eixão do Lazer está, principalmente, na possibilidade de encontro com o outro, no campo de contato, na música que preenche as ruas, nas crianças que brincam com e naquele território. O Eixão do Lazer também constrói o imaginário de Brasília na medida em que desmistifica a imagem de uma cidade sem gente na rua e oferece aos cidadãos e às cidadãs um tom, um sotaque, verdadeiramente brasiliense. Nele, cria-se a roda de choro que improvisa novos ritmos, nasce a criança que se encanta com a bolha de sabão, forma-se o sujeito que, sem medo de desbravar novos territórios, inventa outros mundos. Tudo isso mostra que o Eixão do Lazer revela saberes importantes da rua, de uma vida que não desiste.

Percebeu-se que, por ter caráter insurgente, um projeto como o Eixão do Lazer, impulsionado pelos atravessamentos do Choro no Eixo, apresenta risco à perpetuação do sistema neoliberal. É capaz de acordar corpos adormecidos e reorientar a bússola do desejo de forma que outros destinos comecem a ser desenhados. Fica evidente, portanto, a necessidade de garantir que o movimento não seja sufocado e de atuar ativamente para sua expansão para outras RAs e outras cidades do Brasil.

A ocupação urbana é capaz de criar heterotopias insurgentes, desafiando as crenças e os modos de vida guiados pelo inconsciente colonial-capitalístico. Quando o corpo se reconecta com o território e com os grupos que ali convivem, quando a música e a dança preenchem o vazio da pressa capitalista, diversas forças do mundo são ativadas e o desejo retoma seu destino ético. É exatamente neste momento, em que corpo-território-grupo se alinham, que somos capazes de lembrar que “realmente, a vida presta!”³.

³ Referência à fala da atriz Fernanda Torres, feita em dezembro de 2024, ao comemorar sua nomeação ao Globo de Ouro 2025 como melhor atriz, e de “Ainda Estou Aqui” como melhor filme em língua não-inglesa. No dia 6 de janeiro de 2025, Torres tornou-se a primeira atriz brasileira - entre mulheres e homens - a vencer um Globo de Ouro de melhor atriz - em um filme feito inteiramente em português, e que conta uma história de violência e força tão específica do Brasil. Acesso em: <https://www.instagram.com/p/DDXG7rgOhRv/>.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Neila. Fiscalização retira vendedores ambulantes do Eixão do Lazer, em Brasília. *GI*, 1 set. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2024/09/01/fiscalizacao-retira-vendedores-ambulantes-do-eixao-do-lazer-em-brasilia.ghtml>. Acesso em: 9 dez. 2024.

BERROGAIN, Isabela. Manifestações em prol de atividades culturais tomam o Eixão do Lazer. *Correio Braziliense*, Brasília, 8 set. 2024. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/cidades-df/2024/09/6937571-manifestacoes-em-prol-de-atividades-culturais-tomam-o-eixao-do-lazer.html>. Acesso em: 10 dez. 2024.

BIRMAN, Joel. Muitas felicidades?! O imperativo de ser feliz na contemporaneidade. In: FREIRE FILHO, João (org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 27-44.

CAZES, Henrique. *Choro: do quintal ao municipal*. São Paulo: Editora 34, 1998.

CHINI, Vanessa Schnabel Fragoso. *Eixão do Lazer de Brasília: o Eixo Rodoviário Residencial e seu uso como espaço público*. 2019. 232 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

CHORO é reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/choro-e-reconhecido-como-patrimonio-cultural-do-brasil>. Acesso em: 8 dez. 2024.

DARDOT, Pierre.; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Ana Lúcia de Oliveira. 5 v. São Paulo: Editora 34, 1995.

DISTRITO FEDERAL. Decreto n.º 13.250, de 13 de junho de 1991. Regulamenta o uso do Eixo Rodoviário como área de lazer aos domingos e feriados. Disponível em: https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/20430/Decreto_13250_13_06_1991.html. Acesso em: 20 dez. 2024.

Expedição Cerrado: “Choro no Eixo” promove encontro cultural. Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/video/expedicao-cerrado-choro-no-eixo-promove-encontro-cultural-12443571.ghtml>. Acesso em: 10 nov. 2024.

FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. Tradução de Manuel Silveira. São Paulo: n-1 edições, 2013.

_____. Outros espaços. In: _____. *Ditos e escritos IV: estratégia, poder-saber*. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 411-422.

FREITAS, Gabriela. Descolonizando a capital: cartografia político-afetiva de corpos errantes pela cidade de Brasília. *PosFAUUSP*, [S. l.], v. 31, n. 58, p. e208304, 2024.

DOI:10.11606/issn.2317-2762.posfauusp.2024.208304. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/208304>. Acesso em: 2 nov. 2024.

GLÓRIA, Guilherme. Eixão do Lazer: manifestação pede respeito aos ambulantes e liberação do espaço para atividades culturais. *GI*, 8 set. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2024/09/08/eixao-do-lazer-manifestacao-pede-respeito-aos-ambulantes-e-liberacao-do-espaco-para-atividades-culturais.ghtml>. Acesso em: 9 dez. 2024.

GONZALES, Suely. As formas concretas da segregação residencial em Brasília. In: *Brasília, ideologia e realidade - espaço urbano em questão*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. p. 117-142.

IBARRA, Pedro; NUNES, Ronayre. DF Legal faz ação no Eixão do Lazer e desmobiliza comércio e artistas. *Correio Braziliense*, Brasília, 1 set. 2024. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2024/09/6932419-df-legal-faz-acao-no-eixao-do-lazer-e-desmobiliza-comercio-e-artistas.html>. Acesso em: 12 dez. 2024.

IBGE. Biblioteca. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?acervo=fotografia&campo=todos¬qry=&opeqry=&texto=Bras%C3%ADlia&digital=false&fraseexata=>. Acesso em: 2 jan. 2025.

INESC. *Mapa das desigualdades do Distrito Federal 2022*. Brasília: Instituto de Estudos Socioeconômicos, 2022. Disponível em: https://inesc.org.br/wp-content/uploads/2023/04/mapa-das-desigualdades_versao-digital.pdf?x12453. Acesso em: 8 dez. 2024.

INSTITUTO PESQUISA ESTRATÉGICA DO DISTRITO FEDERAL (IPEDF). Eixão do Lazer é aprovado por 80% dos moradores das Asa Sul e Norte. Disponível em: <https://www.ipe.df.gov.br/eixao-do-lazer-e-aprovado-por-dos-moradores-das-asa-sul-e-norte/>. Acesso em: 1 nov. 2024.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. *Arquitextos*, São Paulo, ano, v. 8, 2008. Disponível em: <https://cult.ufba.br/enecult2008/14401-03.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2024.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana; TEIXEIRA, Elizabeth. *Cartografia como método nas ciências sociais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço*. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

_____. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

MESCHICK, Ana Patrícia Oliveira. Imaginários urbanos de Brasília: um paralelo entre a monumentalidade e a vida cotidiana. Dissertação (Mestrado em Design), Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. *Barbarói*, n. 38, p. 45-49, 2013.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade?* 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção Primeiros Passos, 203).

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo.* Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

_____. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada.* São Paulo: n-1 edições, 2019.

SIMAS, Luiz Antonio. *O corpo encantado das ruas.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira.* Petrópolis: Vozes, 2019.

Apêndice A - Termos de consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Você está sendo convidado(a) a participar voluntariamente da pesquisa intitulada *"Sobre frestas e insurgências brasilienses: um estudo cartográfico-sentimental do Eixão do Lazer e o enfrentamento ao neoliberalismo"*, sob a responsabilidade da pesquisadora Bruna Fabro Neri. Os resultados desta pesquisa comporão o Trabalho de Conclusão do Curso Comunicação Organizacional pela Universidade de Brasília.

JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS DA PESQUISA:

Esta pesquisa tem como objetivo realizar uma cartografia sentimental do Eixão do Lazer, mapeando os atravessamentos que acontecem no território e visando entender o papel insurgente do evento e o potencial transformador das ocupações urbanas, em oposição à racionalidade neoliberal em voga.

PROCEDIMENTOS:

Para a coleta de dados, será realizada uma entrevista em profundidade, com duração média de 15 minutos, que será gravada mediante autorização, exclusivamente para conferência posterior e análise dos dados. A entrevista ocorrerá via plataforma Zoom e consistirá em perguntas relacionadas à sua vivência ou percepção sobre o tema da pesquisa e a importância do Choro no Eixo para a construção do espaço.

RISCOS E DESCONFORTOS:

Não há riscos significativos envolvidos nesta pesquisa. Contudo, caso algum desconforto emocional ou incômodo surja durante a entrevista, você poderá interrompê-la a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ou penalidade.

BENEFÍCIOS:

Sua participação contribuirá para a construção de um estudo que analisa a ocupação urbana como instrumento de subjetivação e criação de outros mundos, portanto, auxilia na produção de um documento que busca entender a dinâmica do território, seus processos, afetos e jogos de poder, e apresenta um redirecionamento contra a lógica vigente.

GARANTIA DE RECUSA EM PARTICIPAR DA PESQUISA E/OU RETIRADA DE CONSENTIMENTO:

Você não é obrigado(a) a participar desta pesquisa e poderá desistir a qualquer momento, sem sofrer penalidades ou prejuízos. Caso decida retirar seu consentimento, não será mais contatado(a) pela pesquisadora.

GARANTIA DE MANUTENÇÃO DO SIGILO E PRIVACIDADE:

As informações coletadas não serão anônimas, mas os dados serão utilizados exclusivamente para os fins desta pesquisa e mantidos em ambiente seguro, conforme normas éticas.

ESCLARECIMENTO DE DÚVIDAS:

Em caso de dúvidas ou para relatar problemas relacionados à pesquisa, você poderá contatar a pesquisadora Bruna Fabro Neri pelo telefone xx xxxxx-xxxx.

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO:

Declaro que fui informado(a) sobre os termos desta pesquisa, que compreendi as informações acima e aceito participar de forma voluntária. Recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Participante da pesquisa

Local e data

Pesquisadora

Local e data

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – AUTORIZAÇÃO DOS RESPONSÁVEIS PARA PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS EM PESQUISA

Prezado(a) Sr(a).

Seu(a) filho(a)/dependente está sendo convidado(a) a participar voluntariamente da pesquisa intitulada *"Sobre frestas e insurgências brasilienses: um estudo cartográfico-sentimental do Eixão do Lazer e o enfrentamento ao neoliberalismo"*, sob a responsabilidade da pesquisadora Bruna Fabro Neri. Os resultados desta pesquisa comporão o Trabalho de Conclusão de Curso no Curso Comunicação Organizacional pela Universidade de Brasília.

JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS DA PESQUISA:

Esta pesquisa tem como objetivo realizar uma cartografia sentimental do Eixão do Lazer, mapeando os atravessamentos que acontecem no território e visando entender o papel insurgente do evento e o potencial transformador das ocupações urbanas, em oposição à racionalidade neoliberal em voga.

PROCEDIMENTOS:

Seu(a) filho(a)/dependente participará de uma entrevista individual, semiestruturada, com duração média de 5 minutos, que será realizada presencialmente no Eixão do Lazer. A entrevista será gravada, mediante sua autorização, exclusivamente para análise da pesquisadora.

RISCOS E DESCONFORTOS:

Não há riscos significativos nesta pesquisa. A entrevista será conduzida em linguagem apropriada para a idade da criança e interrompida caso ela demonstre qualquer desconforto.

BENEFÍCIOS:

Ao participar desta pesquisa, seu(a) filho(a) contribuirá para um estudo que busca analisar a ocupação urbana como instrumento de subjetivação e criação de outros mundos possíveis, portanto, auxiliar na produção de um documento que procura entender a dinâmica do território, seus processos, afetos e jogos de poder, e apresenta um redirecionamento contra a lógica vigente.

GARANTIA DE RECUSA EM PARTICIPAR DA PESQUISA E/OU RETIRADA DE CONSENTIMENTO:

A participação é voluntária, podendo ser recusada ou interrompida a qualquer momento, sem prejuízos.

GARANTIA DE MANUTENÇÃO DO SIGILO E PRIVACIDADE:

Os dados coletados não serão anônimos, mas os dados serão utilizados exclusivamente para os fins desta pesquisa e mantidos em ambiente seguro, conforme normas éticas.

ESCLARECIMENTO DE DÚVIDAS:

Em caso de dúvidas ou para relatar problemas, favor contatar a pesquisadora Bruna Fabro Neri pelo telefone xx xxxxx-xxxx.

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO:

Declaro que fui informado(a) e esclarecido(a) sobre os objetivos e procedimentos desta pesquisa e autorizo a participação de meu/minha filho(a)/dependente. Recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Responsável

Local e data

Pesquisadora

Local e data

Apêndice B - Entrevista semiestruturada 1

Nome: Carolina

Idade: 34 anos

Pergunta: Nasceu/mora em Brasília?

Resposta: Sou do Rio de Janeiro e morei aqui em Brasília por três anos, de 2018 a 2021, e voltei esse ano - 2024.

P: Você costuma frequentar o Eixão do Lazer?

R: Costumo.

P: Qual é a parte que você mais frequenta?

R: Eu gosto mais da parte da Norte, principalmente aqui na parte da música.

P: Qual é a principal atividade que você realiza aqui no Eixão do Lazer?

R: Caminhar ou correr. Principalmente atividade física.

P: Você acredita que um evento como este tem impacto na relação entre as pessoas que frequentam?

R: Acho que tem bastante! Não só para atividade física, mas essa parte cultural e, justamente, de interação entre as pessoas, é bem importante.

P: Como você acha que o Eixão do Lazer impacta nesse sentido, as pessoas e a dinâmica da cidade?

R: Assim, principalmente vindo de outra cidade, eu acho que as pessoas de Brasília têm um ar mais fechado, então eu acho que esse tipo de atividade, de dinâmica mesmo, acaba fazendo interagir, principalmente essas (atividades) abertas, que não são pagas, você acaba aproximando gente, qualquer público tem acesso, então isso facilita furar as bolhas.

Apêndice C - Entrevista semiestruturada 2

Nome: Jonas

Idade: 23 anos

Pergunta: Nasceu/mora em Brasília?

Resposta: Sou de Brasília, nasci em São Sebastião.

P: Você costuma frequentar o Eixão do Lazer?

R: Sim.

P: Qual é a principal atividade que você desempenha aqui?

R: Eu trabalho, monto o som e opero a mesa do Choro no Eixo.

P: Qual é o ponto do Eixão que você mais frequenta?

R: O do Choro. No final de semana eu fico só por aqui para trabalhar.

P: Você acha que o Eixão do Lazer tem alguma importância para a dinâmica da cidade?

R: Tem, demais, demais! Para a cultura, que agora a gente conseguiu, graças a Deus, a licença para operar aqui. Tem muita criança, muito cachorro... nossa, isso aqui é muito bom! *[risos]*. Olha o tanto de gente, o tanto de pessoas de vários lugares. Tem gente do Rio de Janeiro, dos Estados Unidos... a gente vê artista de fora, da Europa, Portugal... aqui você vê de tudo e um pouco mais.

P: Qual você acha que é o maior impacto que o Eixão do Lazer tem na vida das pessoas?

R: A cultura, com certeza. Você vê muita criança aqui, criança de 12 anos vindo tocar, se divertir, ainda mais a juventude de hoje em dia que tá sempre no celular. Quando eles vem aqui é diferente, eles ficam entretidos, é muito massa.

Apêndice D - Entrevista semiestruturada 3

Nome: Pedro

Idade: 10 anos

Pergunta: Nasceu/mora em Brasília?

Resposta: Não. Eu sou de São Paulo. Eu vim pra Brasília de férias para me divertir.

P: É a primeira vez que você vem no Eixão do Lazer?

R: Que eu me lembre, sim.

P: E o que você está achando?

R: Legal! Tem bastante coisa, né?

P: O que você está achando mais legal?

R: As bolhas (de sabão) *[risos]*.

P: Se você tivesse que falar para os seus amigos e amigas de São Paulo sobre o Eixão do Lazer, o que você falaria?

R: É um lugar muito mais agitado do que lá em São Paulo, é um lugar que mexe mais com comunidade, os prédios são mais artísticos... o que eu quis dizer com “mexe mais com comunidade” é que aqui perto eu vi uma quadra de futebol e de vôlei pública. Em São Paulo, desde que eu nasci eu moro lá, e eu acho que eu nunca tinha visto uma quadra pública assim.

P: Então você tá curtindo a experiência?

R: Muito!

Apêndice E - Entrevista semiestruturada 4

Nome: Márcia

Idade: 49 anos

Pergunta: Nasceu/mora em Brasília?

Resposta: Nasci em Teresina, Piauí, mas já estou há 20 anos em Brasília

P: Você costuma frequentar o Eixão do Lazer?

R: Sim, eu moro em uma quadra aqui perto.

P: Qual é a principal atividade que você faz aqui?

R: Corrida, pedal... esportes.

P: Qual é o ponto do Eixão que você mais frequenta?

R: O Chorinho, porque agrega não só a música de qualidade, mas a culinária variada, então acaba sendo um ponto muito interessante para encontrar as pessoas e socializar também.

P: Você tem lembrança de algum evento ou momento que foi especial aqui no Eixão do Lazer?

R: Depois do Carnaval, com uma prima de Salvador que veio visitar. A gente voltando pelo Eixão toda fantasiada, uma energia muito boa, foi bem marcante.

P: Você acha que o Eixão do Lazer tem impacto na relação entre as pessoas e na dinâmica da cidade?

R: Totalmente, isso aqui já compõe a dinâmica e a rotina da cidade. Aqui já é o momento de lazer do brasiliense.

Apêndice F - Entrevista semiestruturada 5

Nome: Natália

Idade: 35 anos

Pergunta: Nasceu/mora em Brasília?

Resposta: Na verdade eu me mudei para Brasília tem 3 semanas, mas eu já conhecia a cidade porque meu irmão mora aqui há 10 anos, então todo ano eu vinha uma ou duas vezes visitá-lo. Eu sempre gostei da qualidade de vida então resolvi vir definitivamente.

P: Você já conhecia o Eixão do Lazer?

R: Sim, eu vim em agosto, acho, e gostei, aí agora que eu vim morar mesmo resolvi vir hoje de bike.

P: Qual você acha que é a melhor parte do Eixão do Lazer?

R: Acho que a facilidade da localização. Eu vim de bicicleta, então já é uma coisa mais de domingo, atividade física... e a música principalmente, e tudo isso aliado a tudo que dá para comer, beber... dá para fazer de tudo um pouco.

P: E você acha que o Eixão do Lazer afeta as pessoas e a dinâmica da cidade?

R: Eu acho. Acho que é um ponto de encontro entre as pessoas, ainda mais eu, que acabei de chegar aqui, acho que pode ser um espaço para eu conhecer gente, ter interações. Tem sido bem legal, já troquei ideia com algumas pessoas... e é uma coisa cultural, porque como eu tô aqui em Brasília há pouco tempo, é muito comum a gente ouvir que não tem nada para fazer aqui, né? E eu não acho isso, se você buscar você encontra, então eu gosto bastante desse programa de domingo.

Apêndice G - Entrevista semiestruturada 6

Nome: Rosber

Idade: 40 anos

Pergunta: Nasceu/mora em Brasília?

Resposta: Nasci e moro em Brasília.

P: Você costuma frequentar o Eixão do Lazer?

R: Sim, venho pelo menos uma vez por mês.

P: E o que te traz até aqui?

R: Ah, acho que ficar perto do povo. Eu andava de long, descia de long há muito tempo atrás, sempre trago skate. Eu gosto de ficar no meio da galera, do movimento, não sei explicar direito.

P: Qual é o ponto aqui do Eixão que você mais frequenta?

R: Ah, eu acho que é o finalzinho ali, na descida, na 16⁴

P: Você tem lembrança de algum evento ou momento que foi especial aqui no Eixão do Lazer?

R: Ah, vários! Na manifestação que teve no ano passado do Ocupa Eixão, vários Choros no Eixo foram legais... eu trago meus filhos também. Hoje eu decidi vir sozinho pra descansar um pouco, mas eu sempre trago eles e eles se divertem até mais do que eu né, eu fico só caçando eles [risos], aí hoje eu vim por mim.

P: Como você acha que um evento como o Eixão do Lazer impacta a dinâmica da cidade e as pessoas que frequentam?

R: Eu acho que é só pro bem, né? A gente não tem praia, não tem essas outras coisas, esse negócio assim de colocar a cadeira na rua, se encontrar, eu acho que o Eixão tá trazendo isso pra gente, da população se encontrar de várias formas diferentes.

⁴ O entrevistado refere-se à 216 norte.

Apêndice H - Entrevista semiestruturada 7

Nome: Fabrício

Idade: 37

Pergunta: Você é de Brasília?

Resposta: Não, sou do Rio mas tô morando aqui.

P: Você costuma frequentar o Eixão do Lazer?

R: Quando eu estou final de semana aqui costumo sim, eu gosto.

P: E o que te traz até aqui?

R: Eu acho que é o ambiente de confraternização, de bom lazer, boa música, boas comidas... é isso.

P: Qual é o ponto que você mais frequenta?

R: Olha, eu fico mais onde tem o choro, é o que eu curto mais

P: Tem algum dia em que você veio ao Eixão que foi especial, que te marcou de alguma forma?

R: Nossa, difícil, porque como eu venho em períodos de tempo muito espaçados... mas eu acho que cada dia que eu venho ele se torna único, a partir do momento que você tá aberto a experimentar ele se torna único.

P: Como você acha que um evento como o Eixão do Lazer afeta as pessoas que frequentam e a dinâmica da cidade?

R: Olha, primeiro que a cidade é feita para as pessoas, então se é uma atividade de lazer, em prol das pessoas, eu acho ótimo, tem mais é que acontecer mesmo. Todo mundo já passa o estresse da semana, você ter um momento de descontração, e onde você pode interagir com pessoas diferentes, que você não conhece, é importantíssimo. Eu sou do Rio e lá também fecham as principais vias e é ótimo, importantíssimo e faz bem, um bem-estar seja físico e mental também.

Apêndice I - Entrevista semiestruturada 8

Nome: Marcos

Idade: 36 anos

Pergunta: Você é de Brasília?

Resposta: Sou.

P: Você costuma frequentar o Eixão do Lazer?

R: Costumo, aos domingos, com as crianças e também pela parte musical. Eu também sou músico, então de vez em quando a gente vai tocar.

P: Ah, legal! Então você participa das rodas?

R: Isso, também.

P: Qual é o ponto que você mais frequenta?

R: Aqui, entre a 207 e a 209, pelo choro mesmo.

P: Você tem alguma lembrança, algum dia aqui no Eixão do Lazer que foi especial e te marcou?

R: Eu acredito que foi o pós-carnaval do ano passado porque a gente fez um choro que deu mais de 2.500 pessoas aqui, aí foi bem legal. Aquele dia foi histórico.

P: Como você acha que um evento como o Eixão do Lazer afeta a dinâmica de Brasília e as pessoas que frequentam?

R: Ah, com certeza impacta de uma forma positiva, eu acredito, tanto pro comércio pequeno, pros pequenos produtores, quanto pra interação das pessoas, que ficam dentro do apartamento a semana toda. Então eu acredito que, na verdade, o Eixão do Lazer é essencial. No meio de Brasília, a única coisa que a gente tem é um parque, o Sarah Kubitschek, que não é de fácil acesso pra todo mundo, então, às vezes, a pessoa no final de semana não quer pegar o carro...ela desce de casa, atravessa duas ruas e tá no Eixão já.

Apêndice J - Entrevista em profundidade com Márcio Marinho

Pergunta: Como e por que surgiu o Choro no Eixo?

Resposta: O projeto surgiu logo após o lockdown, quando a classe artística foi muito prejudicada. Eu ainda consegui me virar bastante porque eu comecei a escrever projetos que abriram na internet, então consegui me virar, mas muitas pessoas não conseguiram, inclusive amigos meus. Não que seja o caso do pessoal do Choro no Eixo ter passado fome, graças a Deus na época da pandemia nenhum deles sofreu isso, mas fomos muito prejudicados.

Então, como já tava todo mundo muito cansado de ficar em casa, já tava podendo usar máscara na rua com distanciamento, a gente resolveu fazer essa roda. O Gilson (Mendes) me ligou, ele já tinha feito uma vez mas não deu muito certo, e ele me ligou dizendo que tinha esse projeto, pra gente fechar parceria. Falei “pô, vamo nessa!”. Aí eu pensei na galera, ele já tinha chamado o Paulinho do Cavaco, aí eu falei com o Tonho do Pandeiro, Dudu 7 Cordas, Breno Alves, Valério (Valerinho) Xavier. Ó, é muito doido *[risos]*: Tonho do Pandeiro tocando surdo, Valério no cavaquinho, Breno tocando pandeiro e o Dudu no violão de 7 cordas. O Valerinho entrou depois no lugar do Paulinho, que saiu.

Mas o projeto começou nesse intuito de a gente fazer um som na rua, democraticamente. E a gente passava o chapéu, naquela época a gente nem pensava no pix. Tinha só um ambulante que ficava lá vendendo drinks e a gente fazendo uma roda de choro no meio da rua e começou a juntar as pessoas. Começou dando 20 pessoas, 30, 40, 50... quando a gente viu já tinha saído do controle, tanto que a gente já teve que mudar para vários outros locais, porque foi ficando pequeno o espaço. Antes de acontecer todo esse negócio do governo querer acabar (com o evento), a gente sempre mudou de espaço tentando achar o melhor local. Se eu não me engano, a gente começou a 111/112 (norte), e surgiu nesse intuito de fazer um som na rua e de conseguir uma grana de outra forma, passando o chapéu.

Aí, depois que a gente foi ver a questão de democratização do choro, de ocupação dos espaços públicos. Eu também sou do grupo Samba Urgente, e nele, a gente trabalha com a questão da ocupação dos espaços públicos. Querendo ou não, o Choro no Eixo é um embrião do Samba Urgente nesse sentido. Trazer as pessoas para curtir o choro de uma forma democrática, cada um contribuindo como pode. Vem gente de todos os lugares, do Guará,

Ceilândia, Samambaia, Sobradinho, do Plano. As pessoas podem levar suas bebidas, suas comidas... paga o pix se puder e se quiser... o choro começou assim.

A gente não teve essa percepção imediata, mas logo depois a gente teve essa visão, que a gente viu que esse projeto tinha um potencial de benefício pra sociedade muito grande.

P: Qual é a importância do choro pro cenário cultural de Brasília?

R: Acho que a importância do choro tá não só no cenário de Brasília, mas do Brasil mesmo, sabe? O choro vem pra Brasília junto com o funcionalismo público. Então já veio com a galera que veio tentar a vida aqui. Vinham chorões também, Hamilton Costa, o próprio Waldir Azevedo morou em Brasília, Odete Ernest Dias, flautista, aconteciam várias rodas de choro na casa dela nessa época.

Na verdade, o choro chega com Dilermando Reis, com JK. Dilermando era um violonista maravilhoso que fazia as festas das noites do Catetinho. Então o choro tá em Brasília desde sua fundação.

Então a importância do choro é justamente a gente ter contato com a nossa essência, saber mais de onde a gente veio. O choro transformou minha vida, eu não sei o que que eu faria se não fosse o choro porque não se trata de só aprender uma música, se trata de um estilo de vida, de um estilo de resistência. A importância do choro vai além da divulgação cultural, ele vem pra nos tornar pessoas melhores. O choro tá na base de vários outros gêneros musicais - o caboclinho vem antes, é de 1700 e alguma coisa -, mas o choro começa a se desenvolver por volta de 1840 como uma forma de tocar o que vinha de fora, então a gente pegava as harmonias europeias, os ritmos africanos, a música indígena, e isso se transforma no choro.

Esse gênero tem uma importância muito grande pra cultura de Brasília e do Brasil. Eu acho, inclusive, que o choro tinha que estar no ensino público, como o frevo. Eu vou repetir, quando a gente tem contato com a nossa cultura, a gente entende mais de onde a gente veio, a gente valoriza mais quem nós somos, paramos com essa síndrome do vira-lata, que acha que só coisa de fora que é bom. Não, a gente tem muita coisa boa, o choro, nossa culinária, nossos poetas, nossos cineastas - ó a Fernanda Torres ganhando o prêmio (*Golden Globes*), incrível, sacou? A gente tem muita coisa boa, só precisamos conhecer mais.

Acho que o que falta é o choro ser ainda mais propagado para que mais pessoas conheçam. O choro teve um *boom*, aí deu uma caída, veio bossa nova, rock, e tal. Então precisamos entender mais o valor da nossa cultura e acho que o choro vem pra isso, porque as pessoas valorizam, sabe? Eu acabei de fazer uma turnê agora, fui pra Lisboa, Roterdã, Amsterdã, Roma, Berlim, Dresden e Madri. Em todos os lugares foi casa cheia. O que eu quero dizer é que o choro veio da Europa e volta pra lá transformado, como a nossa cultura, não como cultura deles. A gente mostra “Ó, o Brasil é isso aqui também”.

P: Quais são os momentos, encontros ou eventos que mais te marcaram na vivência desse espaço?

R: Na verdade tiveram alguns, né? Porque no Choro no Eixo, é engraçado isso, nem a gente sabe o que vai acontecer. A gente sabe que vai acontecer uma roda de choro e só. Essa que é a mágica. É diferente da roda de samba, que é muito legal porque a galera se junta, sempre tem um cantor pra participar, mas no choro, como é uma música, além de ser cantada, é na essência mais instrumental, chega gente que toca clarinete, chega um saxofonista, um violinista, um gaitista, um pianista... então são várias paisagens sonoras diferentes pra um mesmo objetivo, que é a roda de choro, que é um encontro de comunhão, um encontro de amigos pra fazer um som e que ninguém sabe no que que vai dar, até porque no choro te muito improvisado.

Então são vários momentos que me marcaram, primeiro foi quando a gente começou, as primeiras rodas me marcaram muito, o início desse movimento cultural. Isso me marcou muito porque sempre foi um sonho nosso. Já teve um evento parecido, o Virada do Choro, aconteceu uns anos atrás e foram só duas edições. Eu lembro que na época eu pensei “cara, isso tem que rolar sempre”, mas a gente não conseguiu e teve que rolar uma parceria máxima entre Márcio Marinho e Gilson Mendes pra gente começar a fazer. É difícil fazer evento na rua.

Outro momento que me marcou foi quando a gente conseguiu trazer o Zé Gotinha e fazer campanha contra a poliomielite. E agora todo ano a gente faz, esse ano mesmo teve Zé Gotinha, eu tomei várias vacinas que tavam faltando, o Choro no Eixo também propicia esse bem social. Então esse foi outro momento, ver as pessoas atualizando seus cartões de vacina, ver criança sendo vacinada... então, a gente fazendo uma coisa que era natural, a gente nem tinha noção do bem que podia fazer pra sociedade e pra nós mesmos.

Um outro momento foi quando teve o Ocupa Eixão, contra o Ibaneis, quando ele deu um tiro no pé. A gente resolveu fazer esse encontro no domingo seguinte à proibição, e foi o dia que mais deu gente no Eixão, eu vi tudo aquilo tomado, não só onde tava o Choro no Eixo, o Jazz, e outras manifestações culturais, mas a via inteira. E a gente fez cortejo com a galera da fanfarra. Então, uniu-se várias manifestações culturais da cidade por um mesmo ideal, um mesmo objetivo, que era ocupar o Eixão e mostrar que quem manda ali é a população, não o governo.

O governo serve pra fazer as leis, pra melhorar nossa vida, não pra cercear nosso direito de ir e vir, de ter acesso à cultura de uma maneira democrática. E, diga-se de passagem, a gente faz o trabalho que ele deveria fazer. Ao invés de replicar esse trabalho para as outras RAs, eles querem acabar. Mas a gente não deixa, né? Fomos para a Câmara Legislativa, eu mesmo fiz um discurso, muita gente foi, os deputados, todo mundo se juntou pra defender o movimento. Esse dia foi um marco por conta dessa união, dessa energia. E por mais que tenha, inevitavelmente, rolado um pouco de palanque político, eu senti que os deputados estavam lá muito mais representando a população, então tá valendo. É uma galera que faz um trabalho importante, Gabriel Magno, Ricardo Vale, Max Maciel, Chico Vigilante, Fábio Félix...

P: Como o Choro no Eixo e o Eixão do Lazer afetam as relações entre as pessoas e a dinâmica da cidade?

R: Acho que afeta de uma maneira extraordinária positivamente. A galera brinca que virou a praia de Brasília e eu digo que só falta colocar uma ducha lá. Virou ponto de encontro dominical. O Choro no Eixo foi o que começou esse movimento mais forte, veio jazz, samba, tudo no Eixo. Além de ser um ponto de encontro pras famílias, vai gente de todas as idades, PCDs, vão os pets, então toda sociedade se beneficia. É um ponto de encontro que a família vai e faz questão de passar a tarde, tomando um champagne, jogando alguma coisa... é a arte do encontro. É a arte cultural, sucedida pela arte do encontro, com a arte do amor... tá todo mundo ali criando boas memórias afetivas.

Ontem mesmo (5 de janeiro) bombou! Acho que a galera tava com saudade. Choveu pra caramba no final e a galera continuou com o guarda-chuva, e o pagode comendo e a galera dançando. Então nem a chuva mais tá impedindo, tá virando um carnaval, um espírito carnavalesco.

Então acho que afeta positivamente a cidade, porque as pessoas voltam. Elas voltam e propagam o evento. No geral, tanto quem organiza quanto quem frequenta só tem coisa boa pra falar, pessoas de fora que dizem “Já vi na internet mas pessoalmente a energia é muito diferente, é muito melhor!”. Isso já tá sendo propagado para outros lugares, inclusive eu quero levar o Choro no Eixo pra São Paulo, Rio... buscando esse mote, música democrática na rua e, de preferência em parques, para que a população tenha contato com esse modelo de projeto cultural urbano.

Uma coisa que eu acho é que o Choro no Eixo tinha que estar no calendário turístico de Brasília, e não tá. Deveria ter também transporte público gratuito que rodasse o Eixão Norte. Falta o governo ajudar mais, para que o evento faça cada vez mais diferença na vida das pessoas.

R: Como você encara a relação com o GDF, considerando as repressões do final de 2024, e as questões de regulamentação para o funcionamento?

R: Em relação ao GDF, a gente sempre quis conversar pra que a coisa acontecesse da melhor maneira possível, mas que fosse feita de uma forma justa. Ainda não é o ideal o plano de ocupação que eles deram, eu acho que eles meio que pegaram os eventos de Brasília e colocaram no Eixão, então, por exemplo, nenhum ambulante pode vender cigarro, não é permitido furar o chão pra colocar as tendas, mas se chover pode voar a tenda e machucar as pessoas. Com relação à bebida alcoólica eles voltaram atrás, era um absurdo ambulantes não poderem vender, enquanto o posto logo ao lado podia, mas essa questão eles mudaram. Algumas regras eu acho importantes, até por segurança, como a questão dos botijões de gás, equipamentos permitidos ou proibidos...

Então regulamentação para segurança e para que fique melhor pra população, a gente concorda e corrobora, mas a gente precisa dialogar. Esse foi um ponto positivo, eles viram que não ia ter jeito e abriram espaço para ouvir - é difícil isso acontecer, a não ser que seja algo que tenha uma repercussão muito grande, como foi o caso do Eixão do Lazer. A parte positiva é que tem um diálogo da sociedade, dos agentes culturais e do governo. Esse diálogo rola, tá rolando e vamos melhorando, mas ainda precisa mudar muita coisa pra que a gente consiga fazer um evento com a qualidade que a gente já entrega e cada vez mais.

A questão é que eles chegaram só colocando regras, mas não tomaram iniciativa, por exemplo, de colocar bebedouro, banheiro químico... o que que o governo vai dar? Estamos fazendo a parada do jeito que conseguimos, mas sem o apoio do governo. O único apoio que temos dele é, tipo, “Pode fazer - e só nesses lugares específicos”. Já tem um plano de ocupação que precisa ser seguido, mas eu acho que precisa melhorar muita coisa nos eventos - não se trata só do Choro no Eixo, o Eixão é um espaço cultural. O Choro criou o pavimento pra que isso acontecesse, mas agora temos que nos juntar pra que a gente consiga cada vez mais ter políticas públicas, iniciativas do governo para que o Eixão melhore. Por que não lançam editais, por exemplo, para eventos no Eixão? A gente faz na raça, no pix, conseguimos patrocínio. Mas o patrocínio da Caixa acabou agora, então temos que fazer o processo de novo para ver se conseguimos.

Para a estrutura que chegamos no evento, gastamos mais ou menos R\$ 15 mil por edição. Agora, começo de ano, a gente diminuiu um pouco pra gastar menos, por conta de patrocínio e tal. Ontem tinham 4 banheiros químicos mas a gente já chegou a botar 10 pra evitar fila. A questão da política pública precisa ser vista, muita coisa pode melhorar.

P: O que você acha e espera que pode surgir no futuro a partir do Choro no Eixo e do Eixão do Lazer?

R: Eu espero um Eixão do Lazer conectado com cultura, lazer e esporte. Eu tava falando com um pessoal da gente fazer tipo um campeonato de altinha, trazer o esporte pra dentro do evento, fazer umas corridas de manhã, seguidas por atividades para crianças, então, começar o Eixão mais cedo. Mas é complicado, a gente vai sonhando, mas conseguir é difícil. Por mais que algumas pessoas deem apoio, outras não. Pra gente fazer isso acontecer, temos que fazer direito e com responsabilidade, pra que não acabe.

Então nosso próximo passo é levar o Eixão para fora de Brasília, levar o conceito pras RAs, furar a bolha do plano, que a gente consiga replicar o projeto em Ceilândia, no Guará... o Guará tem uma avenida que fecha todo último domingo do mês, eu já tô com uma parceria com a Juçara, que é uma entusiasta cultural. Levar esse modelo de fechar uma via e que nela tenham manifestações culturais, de esporte e de lazer. Então o futuro que eu penso é esse, que o Choro no Eixo seja a base pra gente fazer isso, como foi no Eixão, juntar esporte, circo, artes cênicas... a gente precisa disso, juntar outras manifestações culturais, o choro é um elo. É importante pra que a gente consiga cada vez mais otimizar o espaço que o Eixão tem, e dar

exemplo pra outros lugares do mundo, igual Copacabana, Avenida Paulista - tem gente que viaja só pra ir na Avenida Paulista no domingo. Então é fortalecer cada vez mais o Eixão, é isso - e com parcerias! Outra que eu tô fechando é com as fanfarras, trazer essa galera pra participar. Eles são uma galera meio discriminada pela população, até para eles ensaiarem dá problema, falam pra eles irem embora... então acho que é isso, fortalecer o Eixão e outras manifestações culturais, e levar pra fora esse modelo de projeto.

A gente tem sempre que estar pensando e se reinventando. Reinventando que eu falo é no sentido de parar e olhar o que tá à sua volta. Por exemplo, no Eixão muita gente começou a imitar a gente. Mas como a gente começou, a gente já tá em outra vibe, mais social. Enquanto a galera tá lá lutando pra conseguir uma grana, um pix - claro que a gente precisa de dinheiro também -, mas a gente já tá com outra cabeça, tipo “véi, que que a gente pode fazer pra beneficiar a nossa cidade, a sociedade por meio desse evento, além de ganhar dinheiro?”. Claro que todo mundo precisa ganhar dinheiro, ninguém tá aqui de bobeira, mas para além disso, o que podemos fazer pra fazer diferença na vida das pessoas? Porque a gente não tá aqui sozinho, né? A gente mudando a vida das pessoas ao mesmo tempo damos exemplo.

É aquele ditado “Nada se cria, tudo se copia”, e é verdade. O que a gente tá fazendo no Choro no Eixo também é uma cópia de outras coisas e vai indo assim. Só que a questão é o que que cada um faz com aquela cópia, qual é o objetivo. O Choro na Rua, no Rio, que é um ótimo projeto, tem um objetivo, a gente tem outro. Eles têm o objetivo de democratizar o choro na rua, o que é bom pra caramba e a gente faz também, só que o que mais? Eles mandam o Zé Gotinha pra fazer campanha? Têm o pensamento de juntar o pessoal do esporte? Juntar a galera da fanfarra? Eu queria fazer um cortejo toda vez, mas já sei que acho que não vai dar [risos]. Mas pra mim, toda vez que rolasse o Eixão as pessoas juntariam num cortejo lá na rua da Babilônia⁵ e culminaria ali. Então, estar se reinventando é justamente isso, a gente se reinventar não só pra benefício próprio, o que também é muito importante, mas pra gente doar pra outras pessoas também.

⁵ Região da 205 norte, conhecida por ser palco de ocupações urbanas, manifestações artísticas e festas.